



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

JUSSARA SANTANA DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO HISTÓRICA LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS CORDÉIS
DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA PROPOSTA DE ENSINO NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2023

JUSSARA SANTANA DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LEXICAL HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS CORDÉIS
DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA PROPOSTA DE ENSINO NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Unidade Acadêmica de Letras,
do Centro de Formação de Professores, da
Universidade Federal de Campina Grande –
Campus de Cajazeiras-PB – como requisito de
avaliação para obtenção do título de licenciado
em Letras.**

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

O482v Oliveira, Jussara Santana de.
A variação histórica lexical da língua portuguesa nos cordéis de Patativa do Assaré: uma proposta de ensino nos anos finais do ensino fundamental / Jussara Santana de Oliveira. - Cajazeiras, 2023.
56f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFCEG/CFP,
2023.

1. Variação léxical. 2. Língua latina - histórico. 3. Estudos lingüísticos. 4. Latim em cordéis. 5. Cultura nordestina. 6. Língua portuguesa-formação.7.Linguagem poética. 8.Análise de poemas. 9. Patativa do Assaré. 9. Cordel- variação lexical. I. II. Título.

JUSSARA SANTANA DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LEXICAL HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS CORDÉIS
DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA PROPOSTA DE ENSINO NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de
Formação de Professores, da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras-PB – como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 21/06/2023

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Profª. Dra. Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Dr. Jose Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

A Deus, a razão do meu viver, meu Protetor e
Guia; à minha amada família pelo amor, força
e apoio incondicional.

Com carinho, **DEDICO**

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Estimado professor/orientador Abdoral Inácio da Silva, é com muita admiração e carinho que gostaria de expressar meu agradecimento por tudo que você faz por mim e pela dedicação que deposita em suas aulas.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu ao longo dessa jornada.

Aos amigos que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

“A linguagem não é algo isolado. Pelo contrário, ela está diretamente relacionada ao contexto sociocultural” (SILVA, 2010, p. 306).

RESUMO

O presente trabalho se insere dentro do campo dos estudos linguísticos, mais especificamente, do estudo das variações lexicais da língua em poemas de Patativa do Assaré. Nesse sentido, o objetivo geral é estudar os aspectos de variação linguística, a partir da origem da língua portuguesa que vem do latim, em cordéis de Patativa do Assaré, no sentido de reconhecer sua linguagem como representante da cultura nordestina. E para alcançá-lo, elencamos como objetivos específicos: Descrever brevemente a história da Língua Latina e a formação da Língua Portuguesa, principalmente voltada para os aspectos lexicais do português brasileiro; Identificar na linguagem poética dos cordéis do autor aspectos da variação lexical; Propor uma sequência didática a partir do estudo da variação lexical em dois cordéis, tendo em vista uma proposta didática para o ensino fundamental como forma de compreender melhor o ensino do português, focando no conhecimento histórico da língua. O trabalho se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, uma vez que partimos da leitura e análise dos poemas *A vida aqui é assim* e *Vingança de matuto*, do poeta cearense citado acima. Para tanto, ancoramos nossas reflexões teóricas em estudiosos da área, tais como, Bagno (1999, 2002, 2007, 2010, 2012), Spina (2008), Banza (2010), Botelho (2013), Coutinho (2011), Câmara Jr (1979), entre outros. Com isso, observamos que os poemas estudados, em sua grande maioria, apresentam variações lexicais que podem ser compreendidas através dos metaplasmos. Além disso, com base na análise desses poemas, propomos uma atividade em forma de sequência didática, não como modelo pronto, mas como uma alternativa de estudo da relação língua falada e língua escrita no ensino fundamental.

Palavras-chave: Língua latina. Variação lexical. Língua falada. Ensino fundamental.

ABSTRACT

The present work is inserted within the field of linguistic studies, more specifically, the study of lexical variations of language in poems by Patativa do Assaré. In this sense, the main objective is to study the aspects of linguistic variation, from the origin of the Portuguese Language that comes from Latin, on Patativa do Assaré's *cordéis*, in the sense of recognizing its language as representative of northeastern culture. And to reach it, we list as specific objectives: Briefly to describe the history of the Latin Language and the formation of the Portuguese Language, principally focused on the lexical aspects of the Brazilian Portuguese; To identify in the poetic language of the author's *cordéis* aspects of lexical variation; To propose a didactic sequence from the study of lexical variation in two *cordéis*, in view of a didactic proposal to elementary school as a way to understand better the teaching of Portuguese, focusing on the historic knowledge of the language. The work is characterized as a qualitative, descriptive and exploratory research, since we start from the reading and analysis of the poems *A vida aqui é assim* and *Vingança de matuto*, of the Ceará poet cited above. Therefore, we anchor our theoretical reflections in scholars of the area, such as Bagno (1999, 2002, 2007, 2010, 2012), Spina (2008), Banza (2010), Botelho (2013), Coutinho (2011), Câmara Jr (1979), among others. With this, we observed that the poems studied, in their great majority, present lexical variations that can be understood through the metaplasms. In addition, based on the analysis of these poems, we proposed an activity in the form of a didactic sequence; not as a ready-made model, but as an alternative study of the relationship between spoken language and written language in elementary school.

Keywords: Latin language. Lexical variation. Spoken language. Elementary school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	- Demonstração da língua latina pelo mundo.....	15
Figura 02	- Povos ibéricos pré-romanos.....	20
Figura 03	- Queda do Império romano em 476 d.C.....	21
Figura 04	- Divisão da Galiza e Portugal.....	23
Figura 05	- O poeta Patativa do Assaré.....	38
Quadro 01	- Sequência didática com poemas de Patativa do Assaré.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CFP - Centro de Formação de Professores
- LC - Latim Clássico
- LL - Língua Latina
- LP - Língua Portuguesa
- LV - Latim Vulgar
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande
- UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
- USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA	12
1.2.1 Procedimentos de pesquisa e levantamento bibliográfico	13
2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A LÍNGUA LATINA	15
2.1 O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR	15
2.2 A LÍNGUA DO GALEGO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS MODERNO.....	20
2.3 A VARIAÇÃO LEXICAL DO LATIM PARA O PORTUGUÊS A PARTIR DOS METAPLASMOS.....	25
3 QUESTÕES DE VARIAÇÃO LEXICAL NO GÊNERO CORDEL	28
3.1 A RELAÇÃO LÍNGUA E ESCRITA NO PROCESSO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	28
3.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A RELAÇÃO COM A POESIA POPULAR.....	31
3.3 O GÊNERO CORDEL: QUESTÕES DE VARIAÇÃO DA LÍNGUA NA LINGUAGEM POÉTICA.....	33
3.4 PATATIVA DO ASSARÉ: UMA LINGUAGEM PRÓPRIA DO POETA POPULAR DO SERTÃO	35
4 A VARIAÇÃO LEXICAL EM DOIS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ	38
4.1 VIDA E HISTÓRIAS SERTANEJAS: AS VARIAÇÕES DA LÍNGUA EM DOIS POEMAS DE PATATIVA	38
4.2 PROPOSTA DE TRABALHO COM OS POEMAS “A VIDA AQUI É ASSIM” E “VINÇANÇA DE MATUTO”, DE PATATIVA DO ASSARÉ.....	46
4.2.1 A sequência didática	46
4.2.2 A proposta didática	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muitos são os motivos que nos levam a enveredar pelo mundo da pesquisa científica, especialmente no sentido de melhor compreender os usos da língua nas suas mais variadas formas de manifestação. Um dos motivos que nos leva a estudar a produção poética de Patativa do Assaré, no que concerne ao processo de variação lexical, está no fato que a literatura pode ser entendida como uma fonte de estudos diversos, que lida diretamente com a linguagem como principal instrumento das relações interpessoais.

Nessa perspectiva, o que nos leva a essa temática é também a diversidade linguística da língua portuguesa, que se manifesta na fala, na escrita, representando os diferentes modos de manifestação de uso da língua. Além disso, é perceber que o estudo da língua pode ultrapassar as barreiras da natureza estritamente normativa da língua, de modo que a literatura de cordel pode ser uma alternativa para a melhor compreensão do fenômeno da variação linguística, uma vez que a variação lexical pode causar o preconceito linguístico, considerando os aspectos de natureza sociocultural e histórico que caracterizam o uso da linguagem, não somente na modalidade padrão-culta.

Nessa visão, a forma do autor Patativa do Assaré se expressar não estar de acordo com a norma culta, dessa maneira, levar em consideração a forma como o falante se expressa em determinados contextos de uso da língua é de extrema importância para as relações interpessoais. Portanto, a norma culta deve ser respeitada em determinados contextos, mas levando em consideração os diversos fatores linguísticos, faz-se necessário um olhar flexível para o uso da língua portuguesa.

Nessa perspectiva, é uma realidade que as questões de variação linguística, no que se refere ao léxico, estão presentes dentro do português brasileiro, nas suas mais variadas formas, no que corresponde ao uso da Língua Portuguesa, doravante LP, carrega dentro de sua estrutura de uso efetivo uma heterogeneidade facilmente identificada nos mais variados gêneros que circulam na sociedade. Em diversas regiões do Brasil existem variadas formas de uso da língua, seja na modalidade falada, seja na modalidade escrita.

O certo é que existe uma diversidade lexical no nosso sistema linguístico, e como é natural em todas as línguas essa diversidade de uso, não acontece por acaso. Nesse sentido, Bagno (2007) destaca que o processo de variação da língua é decorrente dos aspectos sociais diversos da sociedade, e que estão diretamente relacionados a fatores culturais e históricos em que os sujeitos estão inseridos.

Existe uma evidência de que a poesia popular do autor cearense abarca uma linguagem

marcada pela variação lexical, o que torna sua produção poética e única, capaz de absorver os fenômenos da língua, identificadores dos modos de vida do seu tempo, do grau de escolaridade e da região em que o autor estava inserido.

A partir desse posicionamento acerca do nosso entedimento inicial sobre os diversos usos da língua, este trabalho de natureza científica tem o propósito de estudar como ocorrem os processos de variação lexical, na produção cordelista do poeta cearense supracitado. Com essa afirmativa, a questão norteadora desta pesquisa aborda a temática variação linguística e sua relação com a literatura de cordel, no sentido de procurar saber: Como a evolução histórica da língua pode ser um identificador das marcas culturais do povo nordestino, a partir da leitura dos cordéis do poeta cearense?

Dessa forma, nossa proposta de trabalho consiste em refletir sobre o processo de construção das variações lexicais, tendo em vista a produção cordelista do poeta popular Patativa do Assaré. Para isso, serão estudados os percursos históricos da Língua Latina, doravante LL e da LP, no que se refere à escrita e à variação lexical, a partir da história do português, nos mais variados contextos de uso, levando em consideração a linguagem poética do gênero cordel. Assim, é preciso reconhecer a linguagem diferenciada utilizada pelo poeta na produção dos seus cordéis, como parte do seu tempo, especialmente, pelo fato de ele não ser escolarizado, tornando sua poesia um texto voltado para a representação cultural de uma região, no caso o nordeste, dentro do contexto em que se inseriu o poeta popular cearense.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa estabelece como objetivo geral: Estudar os aspectos de variação linguística, a partir da origem da LP, que vem do latim, em cordéis de Patativa do Assaré, no sentido de reconhecer sua linguagem como representante da cultura do seu povo. E como objetivos específicos: Descrever brevemente a história da LL e a formação da LP, principalmente voltada para os aspectos lexicais do português brasileiro; Identificar na linguagem poética dos cordéis do autor, aspectos da variação lexical; Propor uma sequência didática, a partir do estudo das variações lexicais em dois cordéis, tendo em vista uma proposta didática para o ensino fundamental como forma de compreender melhor o ensino do português, a partir do conhecimento histórico da língua.

1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Como parte de toda a vida acadêmica, a pesquisa científica assume um papel fundamental no desenvolvimento das ciências, de forma que para sua realização é preciso um

planejamento de suas ações. Assim, pensando nesse contexto, esta pesquisa é de natureza bibliográfica.

Dessa maneira, este trabalho enquadra-se dentro da categoria da pesquisa qualitativa e descritiva, pois não lidamos com números nem com quantitativos na coleta de dados. Assim, esta pesquisa se qualifica ainda como exploratória, pois busca descobrir ideias e intuições, no sentido de adquirir maiores conhecimentos e familiaridade com a temática do estudo da variação linguística (SELITIZ *et al.*, 1985).

Nossa pesquisa deu-se a partir da leitura de 02 (dois) cordéis do poeta cearense Patativa do Assaré, voltados para a temática da variação linguística, de modo que os dados devem ser identificados por meio da leitura criteriosa da sua obra, para depois analisar esses aspectos nos poemas selecionados.

1.2.1 Procedimentos de pesquisa e levantamento bibliográfico

Para a realização de uma pesquisa, é necessário traçar alguns passos no que diz respeito aos objetivos adotados, no sentido de que, ao final do trabalho, possamos encontrar respostas às nossas questões de pesquisa. Por isso, dentro dos procedimentos de pesquisa adotados, fazemos uso do levantamento bibliográfico, uma vez que a discussão teórica é o ponto norteador das nossas reflexões, bem como a base para a discussão acerca dos dados coletados. Fonseca (2002, p. 32) reforça que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto

Assim, o levantamento bibliográfico é um elemento de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que as nossas reflexões são sempre frutos das variadas leituras realizadas e das experiências teóricas como forma de sustentar o nosso dizer.

De forma didática, destacamos alguns estudiosos e teóricos, Bagno (1999, 2002, 2007, 2010, 2012), Spina (2008), Banza (2010), Botelho (2013), Coutinho (2011), Câmara Jr (1979), entre outros que contribuem com a discussão realizada neste trabalho, para discutirmos acerca das questões da língua, adotamos como suporte.

Este trabalho tem como finalidade a realização de estudo para refletir sobre a a

manifestação dos aspectos que dizem respeito à variação linguística na linguagem cordelista de Patativa do Assaré, de modo que esta pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva. Descritiva por se conduzir de forma a apresentar os dados exatamente da forma em que se encontram nos poemas analisados. Exploratória a partir do momento em que se pretende encontrar os elementos necessários que permitem obter os resultados desejados. Para alcançar o objetivo do estudo, será utilizada a pesquisa bibliográfica como método, partindo-se de material já elaborado, constituído principalmente por livros, artigos científicos e textos eletrônicos que guardem convergência com a temática em abordagem.

Para melhor desempenho da escrita deste trabalho de cunho monográfico, procuramos, de forma didática, estabelecer uma ordem dentro da estrutura física que compõem a escrita deste gênero. Primeiro, fazemos a apresentação geral da nossa proposta de pesquisa, elencando os objetivos traçados, as questões de pesquisa, a metodologia adotada para este trabalho, além de alguns teóricos e estudiosos que alicerçam as nossas ideias.

Logo em seguida, na segunda sessão, discorreremos acerca da origem e do uso da língua, partindo do latim, considerando alguns aspectos de natureza particular, como a relação entre língua, escrita e variação linguística e sua relação com a poesia popular nordestina. A sessão discute ainda sobre a relação do gênero cordel e sua relação com a temática da variação linguística, procurando situar o leitor para o uso da linguagem própria, utilizada pelo poeta Patativa do Assaré na produção dos seus cordéis.

Dada essa discussão mais teórica e que sustenta as ideias que nosso trabalho abarca, a terceira sessão traz o estudo da linguagem poética dos cordéis de Patativa do Assaré, levando em consideração as marcas culturais presentes no seu texto, através dos aspectos de variação linguística encontrados na poesia popular do poeta cearense.

Por último, elencamos nossos reforços e pensamentos, refletindo sobre os resultados encontrados na análise dos poemas em estudo, com destaque para sequência didática utilizada, enfatizando a relevância deste trabalho para as pesquisas na área do estudo da língua e suas variações, bem como para a literatura como fonte ininterrupta de estudos diversos e por fim, as Considerações finais.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A LÍNGUA LATINA

O latim pertence à grande família das línguas indo-europeias. A grande maioria das línguas faladas na Europa e nas Américas têm em si, uma origem comum: o indo europeu, hipoteticamente falado há muito tempo. Assim, quando pensamos no processo de variação da língua, torna-se importante passarmos um pouco pela evolução histórica da língua, observando seus usos em diferentes contextos e suas características de transformações ao longo do tempo.

Nesta sessão, destacamos um pouco sobre o contexto histórico da LL, descrevendo a sua origem, evolução, considerando, especialmente, dois aspectos de variações que são o Latim Clássico, doravante LC e o LV, bem como a evolução da língua no que corresponde ao galego português e ao português moderno.

2.1 O LATIM CLÁSSICO E O LATIM VULGAR

A LL origina-se do ramo itálico, pertencente à família do indo-europeu, que representa uma vasta família de grupos de línguas faladas no oeste da Ásia e na Europa, quanto ao período não há dados precisos sobre o povo e a região exata, onde se falava essa língua. É preciso lembrar que quando falamos do latim, temos muitas informações, especialmente, a partir da literatura produzida, entre o século I a.C. e I d.C. visto que, o latim foi durante muito tempo, a língua oficial do império romano. O mapa abaixo demonstra onde o latim surgiu:

Figura 01 - Demonstração da língua latina pelo mundo



Fonte: *Wikipédia*.¹

¹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Latim#/media/Ficheiro:Iron_Age_Italy-pt.svg. Acesso em: 24 abr. 2023.

É a partir do século III a.C., com o surgimento da literatura latina que a língua escrita vai, aos poucos, transformando-se, aperfeiçoando-se, especialmente por conta da influência helênica, a partir do domínio romano sobre os gregos. Nesse período, surgem os primeiros gramáticos e escritores, que mesmo escrevendo em latim, são influenciados pela cultura grega. Como a maioria dos idiomas, o Latim foi passando por transformações nas formas de falar e de escrever. Para Martins (2004, p. 32),

durante seis a oito séculos de Império Romano, do século III a.C. ao século II d.C., ou até mesmo ao século V d.C., a língua latina conservou uma aparente fixidez, mas que não correspondia à sua situação linguística real. A imobilidade aparente da forma visível escondia uma mudança radical que existia na estrutura interna da língua, resultado da evolução do latim que continuava prosseguindo, tais como: *ficum* > port. *figo*; *sĭtim* > port. *sede*; *rĕte* > port. *rede*; *tĕrra* > port. *terra*; *lātus* > port. *lado*.

Como vemos, ao longo do tempo em que o Latim perdurou, como língua oficial do império romano, não foi suficiente para evitar que a língua passasse por transformações em suas estruturas, fonéticas, morfológicas e sintáticas. Desse modo, essas mudanças ocorreram de forma mais evidente quando se deu a queda do Império Romano no ocidente em 476 d.C. O crescimento do poder político e militar foi acompanhado também pela conquista linguística, impondo o Latim como sua língua aos povos dominados. Assim, o LV se caracteriza, principalmente, por apresentar uma forma mais simples em todas as áreas da gramática, ser mais analítico, mais concreto e mais expressivo e, conseqüentemente, mais permeável a elementos estrangeiros (BASSETO, 2001). Nesse mesmo raciocínio, segundo Botelho (2013, p. 146):

introduziram costumes de civilização que não eram conhecidos, abrindo escolas, construindo estradas, templos, organizando o comércio, o serviço de correio e outros. Impuseram com rigor o uso do latim nas transações comerciais e nos documentos oficiais. O latim, prestigiado como língua oficial, ensinada nas escolas, pôde suplantar as demais línguas faladas pelos peninsulares, que adotaram, por conseguinte, a língua do povo dominador.

De fato, o Latim foi sendo implementado como língua oficial, suplantando as demais línguas no decorrer do tempo. O LV, que era utilizado pelas classes menos favorecidas, diferenciava-se muito do LC, que era falado pelas classes mais prestigiadas, fazendo com que a modalidade do LV, mais popular e cheia de desvios se popularizasse ainda mais. Por exemplo,

no latim LC havia a palavra equus (cavalo), enquanto no LV havia (caballus), essa forma é que prevaleceu no português. É do LV que se originam as línguas neolatinas. Nessa perspectiva, Cereja e Magalhães (2015, p. 15) destacam que:

Enquanto a língua das classes cultivadas (o latim clássico) se tornava cada vez mais uniforme sob a influência estabilizadora da cultura e do aprendizado, a língua do povo (o latim vulgar) se tornava cada vez mais diversificada na medida em que se disseminava com a expansão do vasto Império Romano. O latim clássico se tornava uma língua morta, enquanto o latim vulgar se desenvolvia nas chamadas línguas neolatinas ou românicas.

Como podemos ver, a língua falada se tornava cada vez mais comum, disseminando-se pelo Império Romano. Aos poucos, o LC foi perdendo espaço, de modo que o LV foi se expandindo e mostrando seu crescimento, transformando-se nas línguas neolatinas ou românicas, a exemplos: português, espanhol, italiano, francês. Notamos que foi o LV que proporcionou a evolução linguística das regiões dominadas pelos romanos, o que nos faz entender que o desenvolvimento dessas línguas aconteceu nesse contexto, são evoluções do latim espalhadas por diversas regiões do mundo românico. Ainda, segundo Spina (2008, p. 27) enfatiza que:

o latim vulgar evidentemente se transformou com o tempo; entre uma conquista e outra muitas vezes decorriam séculos, e a língua imposta nas diversas regiões se apresentava, com certeza, distinta. Assim, o latim levado para a Península Ibérica, por exemplo, em 197 a.C. mais ou menos, deve ter sido mais arcaico que o levado para Dácia em 107 d.C.

Assim, é possível compreender que o desenvolvimento do LV se deu de forma gradual, vencendo o uso do LC imposto nas diversas situações, especialmente, na escrita literária. Nossa compreensão é de que, com as transformações ocorridas, a expansão do LV foi um movimento que ocorreu ao longo dos séculos. O latim era falado em Roma de forma diversificada, a medida que o LV era falado pelas classes inferiores da sociedade romana, já o LC era uma língua basicamente para a escrita literária e foi utilizada entre o século I a. C. e o século I d. C. Assim, existia uma forma de resistência ao LV. Por isso, Coutinho (2011, p. 30) nos lembra que:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a urbanitas. [...]. Chama-se Latim Vulgar o Latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava

compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente.

Na perspectiva do autor, o LC se configurava na escrita literária pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, enquanto o LV se caracteriza em uma forma diferente e espontânea de falar, visto que era utilizado pela grande maioria da sociedade, como mencionado anteriormente. Enquanto o LC representava a elite, o LV representava a classe menos favorecida, com quem a elite não estava preocupada. Além disso, concordando com Coutinho, temos a visão nessa mesma perspectiva, pois:

O latim clássico era sempre escrito, perpassado pelo rigor dos literatos enquanto o latim vulgar era a linguagem do povo que transmitia suas ideias sem a preocupação com os preceitos gramaticais. Não eram duas línguas diferentes e sim, duas modalidades da mesma língua coexistindo simultânea e paralelamente (SOUZA; PENA, 2020, p. 17).

Como vemos, o LC, utilizado especialmente na literatura, se diferenciava do LV, mais popular entre as camadas menos prestigiadas da sociedade do seu tempo, de modo que uma variação não sucedeu a outra, sendo utilizada simultaneamente, por pelo menos dois séculos. Ainda segundo os autora:

O latim vulgar era corrente entre as diversas classes da sociedade romana, ou seja, falado pela classe média (familiar), classe baixa (plebeu), soldados (castrense), marinheiros (nautico), operários (proletário) e camponeses (rural). Com essa diversidade apresentava diferentes aspectos, os quais configuraram a sua designação que não conceitua uma língua, mas um agrupamento de falares de vários tipos (SOUZA; PENA, 2020, p. 18).

Consoante ao exposto, a autora estabelece uma diferença que é fundamental para o entendimento do processo de construção e desenvolvimento da LL. Como língua viva, o latim estava sujeito as constantes transformações pelas quais passou ao longo dos séculos. Enquanto LC se tornava cada vez mais uma forma cristalizada pela cultura literária, o LV se tornava ainda mais popular, diversificando-se como representante da língua do povo. Ainda, nesse contexto, entendemos que o português originou-se do LV, de modo que: “a língua portuguesa, como várias outras do mundo moderno ocidental, pertence ao grupo das línguas ditas “românicas”, ou “neolatinas”, que tem o seu ponto de partida no latim, a língua do Lácio na Itália Antiga ou mais especificamente na cidade de Roma” (CÂMARA JÚNIOR, 1979, p. 12).

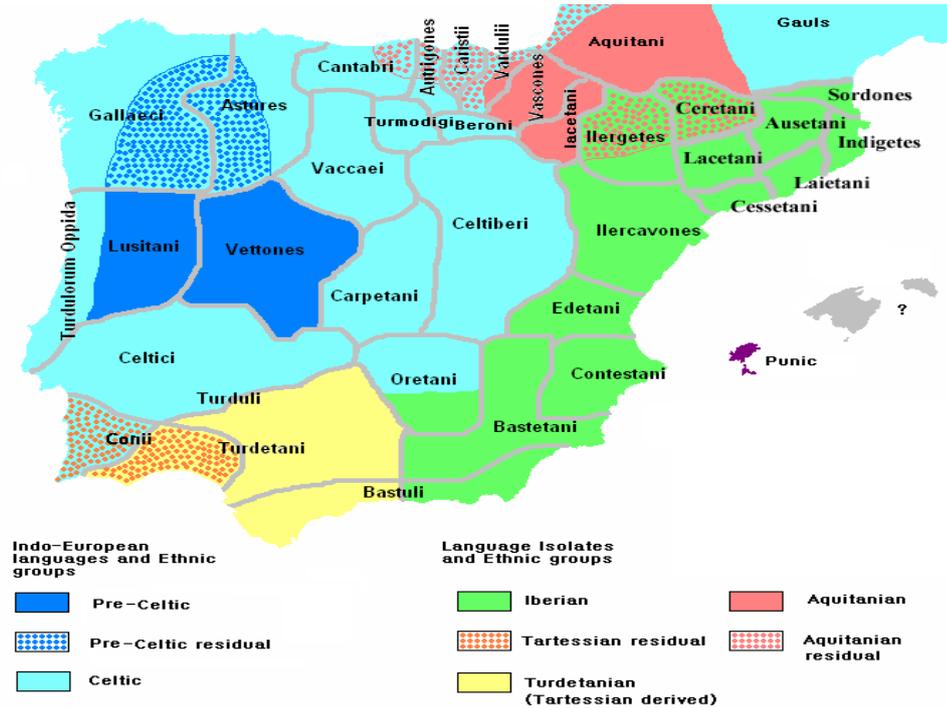
Assim, a relação paralela entre o LC e o LV, pode estar relacionada às diferenças entre a norma culta e o português coloquial nas mais diferentes regiões do Brasil. Enquanto na escrita existe uma preferência pela norma culta, na fala a preferência se dá, muitas vezes, pelas variantes coloquiais. Nessa mesma perspectiva, Neurschrank (2015, p. 33) destaca que:

os falantes também contribuem substancialmente para que uma língua mude ao longo do tempo, assim como ocorreu com o latim. Pressionados pela necessidade de tornar sua fala mais exata ou expressiva, a todo o momento criam novas palavras e padrões sintáticos a partir do material disponível em sua própria língua.

Por isso é perceptível, que as variações surgem ao longo do tempo na LP e são contínuas, esse fator é resultante do processo de transformação histórica da língua, das diferentes formas de falar do português do Brasil, de modo que as mudanças e a evolução do LC e do LV têm um papel preponderante para o entendimento desse processo.

Vale ressaltar que, a chegada dos romanos à Península Ibérica, aconteceu em 218 a.C., dando início a segunda guerra Púnica. Por volta do século III a.C., os romanos conquistam a parte hispânica da Península Ibérica, ampliando o território e conquistando toda a faixa ocidental da região, impulsionando o crescimento do latim entre os povos peninsulares conquistados. Para tanto, foi preciso que os romanos introduzissem costumes de civilização. Além disso, construíram escolas, estradas, templos e organizaram o comércio, os serviços de correios e outras atividades, de forma que o uso do latim foi imposto com rigor nas transações comerciais e nos documentos oficiais (SILVA, 2008). O mapa a seguir mostra a ocupação da Península Ibérica, antes da chegada dos romanos:

Figura 02 - Povos ibéricos pré-romanos



Fonte: *Wikipédia*.²

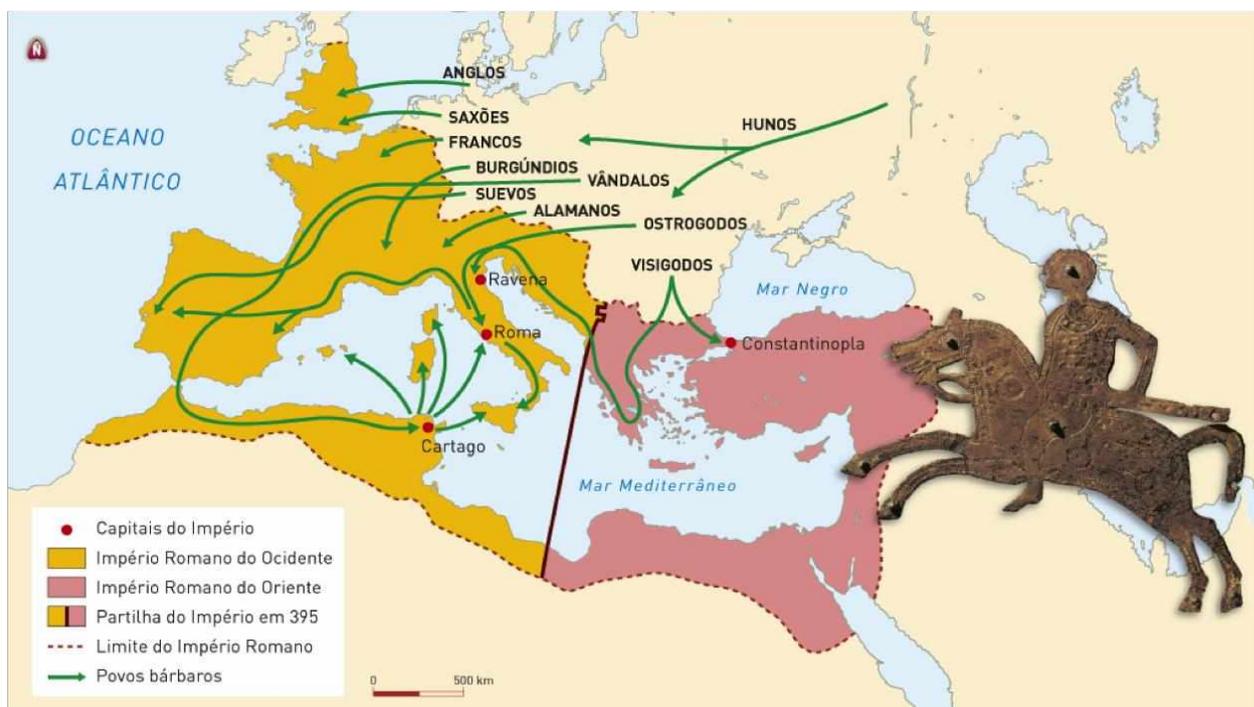
No tópico que segue, refletimos acerca das origens da LP, situando o contexto do galego português ao português moderno.

2.2 A LÍNGUA DO GALEGO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS MODERNO

O galego teria sido formado por volta do século IX d.C. com uma vasta produção em textos da literatura lírica. A história da LL tem sido estudada por pesquisadores da linguagem, bem como de outras áreas do conhecimento, tendo em vista que, ao longo dos séculos, foi a língua utilizada na ciência, filosofia, a até hoje é a língua oficial da Igreja Católica. No estudo de uma língua, é preciso considerar a língua como expressão cultural, construída de forma diacrônica, dentro de um contexto de mudanças linguísticas. Abaixo, o mapa traz uma demonstração dos lugares espalhados pelo mundo onde se falava o galego-português:

² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ib%C3%A9ricos_pr%C3%A9-romanos. Acesso em: 24 abr. 2023.

Figura 03 - Queda do Império romano em 476 d.C.



Fonte: Imagens Google (2023).³

Ademais, a LP pode ser encarada como uma entidade construída historicamente, que parte das condições de sua formação na Península Ibérica, depois da chegada dos romanos. Para Lôpez (2006, p. 18), “o galego-português foi levado fora da Europa pelo imperialismo português a lugares tam (sic) diversos como o Brasil, Angola, ou Timor Leste, convertendo-o num dos idiomas mais falados do mundo”. No entanto, para chegarmos ao contexto de hoje, é importante conhecer a formação da nossa língua, aqui destacando a formação do galego-português e sua relevância para o português que falamos e usamos hoje. Por isso, Gonçalves e Banza (2013, p. 18) lembram que:

A formação histórica do português tem como antecedente um longo processo de diferenciação do latim que conduziria à formação dos romances peninsulares e à formação do galego-português, em particular. Tal processo, porém, tem, ele próprio, antecedentes que importa considerar, na medida em que, antes de se falar Latim na Península Ibérica, aí se falavam muitas outras línguas que poderão ter influenciado, em maior ou menor grau, o Latim e, conseqüentemente, as novas línguas que a partir dele se viriam a formar.

Como vemos, a história da formação da LP é antecedida por um longo processo de formação que se diferencia muito do latim, especialmente, ao latim utilizado na Península

³ Disponível em <https://app.emaze.com/@AOCWRRWT#2>. Acesso em: 06 jun. 2022.

Ibérica. Com a chegada dos romanos, à região passou a apresentar uma grande diversidade, em virtude do contato linguístico entre diferentes povos que habitavam o território. Nesse sentido, Nunes (2018, p. 23) argumenta que:

Sobre a história da língua galega, o pouco que nos chega é por iniciativa portuguesa, por isso é interessante dedicar olhares para a Galiza e o que dizem os galegos, ao menos para que a leitura não se torne unilateral. Mesmo por que a língua está viva e em pleno exercício de sua vitalidade, nas ruas, comércio, indústrias, escolas, universidades. Ouvi-los, estudar o que dizem, perceber suas paixões e pensamentos acabará por ajudar a construir uma percepção mais próxima da realidade do idioma galego.

De acordo com essa visão, pouco se sabe sobre a história do galego-português, embora devamos o pouco que sabemos à região da Galiza, em Portugal, onde o idioma parece ter se originado. Como a LP, o galego português origina-se do LV. Embora a região tenha sido dominada pelos árabes durante quase oito séculos, não foi suficiente para que o uso do latim perdesse a hegemonia. Apenas no século XIII é que aparecem os primeiros textos escritos em galego-português. Nessa mesma visão, Saraiva e Lopes (2010, p. 45-46) ressaltam que:

Os mais antigos textos literários em língua portuguesa são composições em língua portuguesa em verso coligadas em cancioneros de fins do século XIII e do século XIV, que reúnem textos desde fins do século XII. Mas devemos supor muito anteriormente a tal época produção verificatória e cantada testemunhado por estes textos escritos. A literatura oral, com efeito, só se fixa por texto escrito em época tardia da sua evolução, quando as condições ambientes já divergem daqueles que deram a sua origem.

Como observamos, os textos escritos surgem a partir da produção de versos dos cancioneros produzidos entre o século XIII e XIV, embora esses textos possam ser bem mais antigos. Além disso, apresentam características de uma língua em formação, a partir do uso popular, de forma que o léxico, naturalmente, passaria por grandes transformações ao longo do tempo.

É perceptível que, entre o galego e as diversas modalidades do português atual, podemos perceber que ambos têm a mesma origem, embora as duas línguas tenham seguido caminhos diferentes. Centralizado entre Lisboa e Coimbra, o galego-português teve um grande florescimento, difundindo-se consideravelmente pela Europa (TEYSSIER, 2014). Essa compreensão nos leva a entender que, na verdade, o português surge a partir do galego-português que, por sua vez, é originado da variação vulgar do latim. Por isso, Bagno (2010, p. 35) destaca que:

O que aprendemos e ensinamos no Brasil e em Portugal até hoje nas aulas de história da língua portuguesa é uma falácia histórico-geográfica: “o português vem do latim”. Nada disso: o português vem do galego. O galego é que é, sim, uma língua derivada da variedade de latim vulgar que se criou no noroeste da Península Ibérica.

Seguindo nesta direção, é possível afirmar que o galego-português é que, de fato, proporcionou o surgimento da LP como uma de suas variações que se espalhou pelo mundo. A separação geográfica de Portugal e da Galiza (como podemos ver no mapa abaixo), provocou a separação linguística que se deu entre as duas regiões no decorrer dos séculos seguintes, causando algumas diferenças entre as duas línguas. Embora Bagno, saliente que o português não vem do latim, mas sim do galego, é necessário resaltar que só vamos compreender essa origem a partir da história evolutiva do LV. Abaixo apresentamos a divisão da Galiza em Portugal:

Figura 04 - Divisão da Galiza e Portugal



Fonte: Viva-porto.⁴

Acerca disso, Areñ e Garcia (2011, p. 13) ressalta que:

Enquanto o português veio a ser a expressão de um povo em expansão política, territorial, econômica e cultural, o galego, em contrapartida, se transformou em expressão coloquial de um povo reprimido diante do domínio castelhano, sofrendo influências deste e de outras línguas trazidas pela peregrinação a Santiago de Compostela, tais como o catalão, provençal e francês, dentre outras no seu desenvolvimento.

⁴ Disponível em: <https://viva-porto.pt/norte-de-portugal-e-galiza-um-pais-que-quase-aconteceu/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

O posicionamento dos estudiosos ressaltam que o português nasce a partir do galego-português. Assim, não só a questão linguística contribuiu, mas também a divisão do território provocou a diferenciação da língua da Galiza em relação a Portugal, de forma que o vínculo com o LV é mantido a partir da relação da língua de um lado e o dialeto do outro. Podemos acrescentar a visão de Neurschrank (2015, p. 43):

O galego começou a isolar-se do português desde o século XIV e, a partir do século XVI, deixou de ser cultivado como língua literária e sobreviveu apenas no uso oral. Além disso, sofreu uma série de “evoluções fonéticas” que o afastaram cada vez mais do português, como o ensurdecimento das fricativas sonoras [z] e [Z]. Ao mesmo tempo, acentuam-se no interior do galego algumas diferenças dialetais e o vocabulário acaba sendo largamente influenciado por hispanismos.

Como vemos, o galego-português sofreu algumas evoluções fonéticas, em virtude de sua separação do português, desde o século XIV, juntando a isso algumas diferenças de dialetos que se estenderam ao longo dos séculos.

Dessa maneira, é inegável que o português do Brasil tenha algumas semelhanças ao português de Portugal. É por volta do século XVI que a LP adentra em território brasileiro, recebendo as influências das línguas nativas que aqui já existiam. A língua nativa dos índios e, mais tarde, aquela falada pelos escravos, vindos do continente africano, depois pelos europeus que aqui chegaram, tiveram considerável influência no desenvolvimento da LP aqui no Brasil. Segundo Condé (2017, p. 97):

Ultrapassando as fronteiras políticas de Portugal, em direção ao Noroeste, podemos observar que há na língua galega atual e no português brasileiro, um léxico compartilhado, que no português do Brasil, ora se encontra integrado na norma culta, ora em nível popular. Não poucas vezes, este léxico se encontra apagado no português europeu, devido ao período da reconquista, que reconfigurou a sua história social, pelos fluxos migratórios ou pela elevação de uma variante por questões de prestígio em seu território.

Mesmo havendo influência do galego português, a LP já era literária, por causa de Os Lusíadas (1572), de Camões e também já havia sido escritas as primeiras gramáticas. Nesse sentido, as aproximações existentes entre o galego-português e o português do Brasil são muito mais visíveis do que podemos imaginar, de modo que elas se fazem presentes desde muito tempo na história e evolução do português brasileiro. Com o aumento da produção escrita, desenvolveu-se os estudos acerca da LP, quando surgiram as primeiras gramáticas, por volta de 1536, do gramático João de Barros. A língua deixa de ser vista apenas como processo de

comunicação oral e passa a ser objeto de estudo. Surgem as cartilhas, os dicionários, novas gramáticas e o interesse de que a língua precisava ser propagada, de forma que “[...] o interesse dos gramáticos em fixar uma norma da língua para ser ensinada poderia representar o nacionalismo e o ideal unificador e expansionista que vigorava em Portugal” (ASSIS, 2017, p. 138).

Assim, conhecer o contexto histórico-cultural em que a LP se originou se faz necessário, no sentido de que possamos compreender como se dá o processo de variação lexical de nossa língua, neste caso, a partir de 02 cordéis do poeta cearense Patativa do Assaré, como veremos na próxima sessão.

2.3 A VARIAÇÃO LEXICAL DO LATIM PARA O PORTUGUÊS A PARTIR DOS METAPLASMOS

No século II a.C., os romanos invadiram a Península Ibérica com o objetivo de acabar com a expansão de Cartago na região, após três guerras, denominadas púnicas, os romanos gradativamente dominaram toda a região. Ao mesmo tempo, Roma ia também estabelecendo o domínio linguístico, mas com a queda do império no ocidente, em 476 d.C., a língua se fragmentou, de modo que o LV passou se desenvolver de forma independente em todas as regiões da península. Nesse sentido, Bagno (2007) lembra que o latim clássico era marcado pelo uso de desinências, enquanto o latim vulgar se destacava pelo uso dos artigos e das preposições. Assim, mesmo com a invasão dos árabes no século VIII, o povo continuou a falar o latim vulgar modificado, de modo que os árabes deixaram pouca influência na LP, exceto no vocabulário.

Assim, muitas foram as mudanças que a nossa língua sofreu ao longo do tempo. Segundo Bagno (2012), as principais mudanças estão concentradas nos metaplasmos, dos quais ele explica que são alterações que as palavras sofreram durante a evolução e as mudanças ocorridas desde o LV até o português contemporâneo. Por isso o autor classifica os metaplasmos em quatro tipos:

- por acréscimo: quando ocorre o aumento da forma fonética, devido a inserção de um fonema no vocábulo;
- por supressão: quando se retira um fonema do vocábulo;
- por transposição: quando existe um deslocamento do acento no vocábulo ou deslocamento dos sons;

- por transformação: quando acontece uma transformação do fonema da palavra em um outro fonema.

Segundo Bagno (2012), o autor destaca que os metaplasmos por acréscimo podem ser de três tipos: Prótese, que é o acréscimo de um seguimento sonoro no início da palavra, por exemplo, *spiritu* (espírito); Epêntese, que é o acréscimo de um seguimento sono no interior da palavra, por exemplo, *stella* (estrela); Paragoge, que é o seguimento sonoro no final da palavra, por exemplo, *ante* (antes).

Os metaplasmos por supressão que, por sua vez, se dividem em quatro: Aférese, quando ocorre a supressão de um fonema no início do vocábulo, por exemplo, *acume* (gume); Síncope, quando a supressão se dá no meio do vocábulo, por exemplo, *legenda* (lenda); Apócope, quando a supressão do fonema acontece no fim do vocábulo, por exemplo, *mare* (mar); Crase, quando acontece a fusão de duas vogais iguais em uma só, por exemplo, *nudu*, *nuu* (nu).

Além disso, Bagno (2012) destaca os metaplasmos por transposição, que ocorrem quando acontece o deslocamento do fonema ou do acento tônico da palavra. O estudioso explica ainda que esse deslocamento do fonema pode ocorrer por metátese, quando existe uma transposição de um fonema na mesma sílaba, por exemplo, *pro* (por). Ainda de acordo com Bagno (2012), o deslocamento do acento tônico se classifica como hiperbatismo que, por sua vez, acontece em dois casos: primeiro, por sístole, quando há o recuo do acento tônico da palavra, por exemplo, *erámus* (éramos); segundo, por diástole, quando acontece o avanço desse acento tônico no vocábulo, por exemplo, *límite* (limite).

Ainda seguindo o raciocínio de Bagno (2012), existem os metaplasmos por transformação que podem ser divididos de doze tipos: vocalização, por exemplo, *nocte* (noite); Consonantização, por exemplo, *Iesus* (Jesus); Nasalização, por exemplo, *mi* (mim); Desnasalização, por exemplo, *luna* (lua); Sonorização, por exemplo, *vita* (vida); Palatalização, por exemplo, *vinea* (vinha); Assibilação, por exemplo, *capitia* (cabeça); Assimilação, por exemplo, *ipso* (isso); Dissimilação, por exemplo, *rotundo* (redondo); Apofonia, por exemplo, *sub + jactu* (sujeito); Metafonia, por exemplo, *totu* (tudo).

Com todos esses elementos colocados aqui, percebemos que ainda conhecemos pouco sobre nosso idioma, especialmente, quando falamos dos metaplasmos e sua aplicabilidade no uso efetivo da língua. Ainda nessa visão, Bagno (2007, p. 08) nos lembra que “os metaplasmos são mudanças na estrutura de uma palavra, ocasionada por remoção ou deslocamentos dos sons de que ela é composta”. Assim, quando falamos em metaplasmos estamos falando de uma modificação fonética de um determinada palavra, seja através da adição, apagamento ou mudança de posição dentro de sua estrutura, e muitas vezes, independe de que o sistema escrito

aceite ou não essas mudanças.

Dessa forma, enveredamos pelo próximo capítulo, destacando a variação lexical dentro do gênero cordel, considerando a relação escrita e fala, além da relação linguística com a poesia popular.

3 QUESTÕES DE VARIAÇÃO LEXICAL NO GÊNERO CORDEL

3.1 A RELAÇÃO LÍNGUA E ESCRITA NO PROCESSO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A preocupação de estudiosos e pesquisadores com o estudo da língua e suas variações tem sido recorrente na academia, o que tem levado a produção dos mais variados gêneros de trabalhos científicos, entre artigos, monografias, dissertações e teses que dissecam sobre o ensino de língua materna de uma forma contextualizada.

Nesse cenário de muitos estudos acerca do uso da língua, críticas têm sido direcionadas, especialmente aos professores de LP, já que eles são, em tese, os responsáveis por ensinar a ler e a escrever. Ainda é muito viva a ideia de que a escola, enquanto instituição promotora do saber, acredita que o ensino de LP deve se pautar, especialmente, na variedade padrão da língua, o que muitas vezes pode ser um grande equívoco. É preciso entender que língua e sociedade se interrelacionam, uma vez que ambas têm uma função social, estabelecida pelo contato que mantemos com o outro na sociedade. Tomada como um complexo sistema, a língua acompanha a evolução da sociedade, uma vez que, sendo heterogênea, está condicionada a fatores extralinguísticos, o que a faz estar sempre em constante variação. Reforçando essa ideia, Antunes (2009, p. 22) ressalta que:

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua.

Por isso, não é possível pensarmos numa língua homogênea, pronta e acabada, de modo que a variação linguística é uma realidade e um tema relevante para os estudos da variação lexical. São as situações práticas e cotidianas de uso, nas suas mais variadas formas, que se relacionam com as práticas culturais, de modo que cada lugar tem sua maneira peculiar de falar. Nesse sentido, Lopes (2000) lembra que a escola não pode ignorar esta realidade, porque se assim o fizer, está discriminando os estudantes, especialmente, pelo uso de certa variedade da língua. É preciso entender que cada um tem uma peculiaridade de falar, e que esta forma representa muito mais do que o processo comunicativo, ou seja, representa também o processo de construção da identidade do falante.

Ademais, a língua pode ser entendida como um fato social, que possui relação direta com nossa história, demonstrando quem somos, de onde viemos, principalmente, pela forma como falamos. Daí a existência das variedades linguísticas, determinadas como fatos sociais

que existem num tempo e num espaço concreto de uso da língua. Para Antunes (2007, p. 104) “a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua”.

Contudo, a escola parece desprivilegiar essa realidade, porque, em geral, os alunos encontram grandes dificuldades na escrita, uma vez que eles podem não ter o hábito de leituras de gêneros diversos, encontrando dificuldade em transferir a língua falada para a língua escrita. Se assim for, a escola deixa de cumprir o seu papel de formadora humana, uma vez que não leva em consideração as experiências linguísticas do aluno fora dela, estabelecidas pelas relações sociais e humanas, históricas e culturais. Reforçando as ideias de Antunes, Camara Jr (1980, p. 383), acrescenta que:

A variação linguística é a consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso (v.). Essa variação real é compensada por uma invariabilidade imanente, que faz de cada realização, a rigor diferente de qualquer outra, a apresentação de uma invariante dos discursos há invariabilidade de um modelo, a que essa variação se refere, e cujo sistema constitui a língua [...].

Mais uma vez, podemos entender que a língua, nos seus diferentes modos de uso, constitui-se de formas diferentes, assim, até mesmos as variações linguísticas, por si só, nunca são iguais. Se considerarmos esse processo como objeto de ensino, estamos compreendendo que as diferentes formas de falar estabelecem meios seguros para a compreensão da identidade cultural de um povo. Logo, escrever e falar corretamente requer que a escola considere o falante como capaz de desenvolver diferentes papéis sociais e que, enquanto falante de uma língua, ele é um sujeito que deve entender o texto como uma interação social escrita. Assim, entendemos que a escrita, em alguns contextos, reproduz a variação lexical dominada pelo falante da língua, como é o caso do poeta Patativa do Assaré.

Nesse sentido, quando pensamos na escrita, é impossível não aludirmos ao léxico da língua, tendo em vista que precisamos seguir as regras do que diz respeito à norma culta da LP. Mas é preciso ver que falar é uma competência natural do ser humano, enquanto escrever é uma competência que se adquire, cuja responsabilidade é sempre da escola. Por isso, Moraes (2005) lembra que para todo ser humano a língua é uma construção humana, pois todos temos essa competência. A variedade da língua atende a necessidade de uma comunidade, de um grupo de pessoas que fazem uso dessa língua. Com o tempo, a língua evolui, transforma-se, atendendo as necessidades comunicativas de uma comunidade. Para reforçar essa ideia, Bagno (1999, p. 16) enfatiza que:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo de ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece aos seus falantes [...].

Aprendemos a falar antes de escrever, por isso, a escola tem a responsabilidade de mostrar que língua falada e língua escrita caminham juntas, e que uma não deve ser priorizada em detrimento da outra. Cabe ao professor de LP, o dever de levar o aluno a entender o que é a língua, quais são as suas propriedades e como se comportam os falantes diante do uso efetivo da língua? Daí a necessidade de o professor estar sempre avaliando seu trabalho, no sentido de motivar-se e motivar seu aluno no processo de aprendizagem. Bagno (2002), enfatiza que o ensino de LP na escola deve propor condições para que o aluno tenha pleno desenvolvimento de uma consciência linguística que possa se diferenciar “da prática tradicional de uma suposta ‘norma culta’ e de uma metalinguagem tradicional de análise da gramática” (p. 17).

Além disso, a escola precisa democratizar o ensino, ficando aberta às inúmeras possibilidades de compreender as variedades linguísticas, de forma que possa fazer o aluno reconhecer essa diversidade nas mais diferentes situações de uso da língua, bem como nos mais diversos gêneros textuais com os quais os alunos mantêm contato, seja dentro ou fora da escola.

Conscientes da importância do ensino da variação linguística nas aulas de LP, sentimos a necessidade de refletir sobre a relação dela com o texto literário, em especial, a poesia popular, no sentido de que a variação linguística está presente em todos os conteúdos, seja nas aulas de leitura ou de produção textual. O texto literário é um objeto rico em termos de estudo da linguagem, e a poesia, em especial, é um texto em que “a linguagem poética revela-se não um uso linguístico entre outros, mas linguagem simplesmente (sem adjetivos): realização de todas as possibilidades da linguagem como tal” (COSERIU, 1982, p. 146). Corroborando com a visão do autor, podemos afirmar que o texto literário, constitui-se de um valor intrínseco, mesmo quando é escrito em uma variação que não corresponde à norma padrão. Assim, o próximo tópico reflete sobre essa relação da variedade linguística com a poesia popular nordestina.

3.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A RELAÇÃO COM A POESIA POPULAR

Quando se acredita que a língua culta é a única forma correta de falar e escrever, é bem provável que caiamos nas amarras do preconceito linguístico, ainda muito presente dentro das salas de aulas de ensino de LP. Contudo, esse pensamento é equivocado, pois sabemos que basta atentar para as inúmeras variedades da língua presentes no ambiente escolar, percebemos que é relevante termos uma compreensão mais abrangente da língua.

Nessa perspectiva, o estudo histórico adequado do léxico proporciona ao aluno um amplo desenvolvimento educativo, desde que ele compreenda a língua sempre como um sistema heterogêneo em constante transformação. Essa é uma compreensão que se distancia da maioria das realidades das salas de aula do português em nosso país, onde ainda impera um estudo, muitas vezes, voltado para a norma culta, dificultando o entendimento de que, somente através dos textos, é que podemos expandir nosso conhecimento efetivo sobre a língua, no sentido de identificar os gêneros textuais, a identidade cultural do indivíduo, o tipo de linguagem, entre outros elementos não menos importantes, como por exemplo, compreender que as variações são muitas vezes resultantes de vários fatores, a saber: Históricas, sociais, culturais, geográficas, entre outros.

O fato é que nos deparamos com a variedade linguística em muitos dos gêneros textuais que circulam em sociedade, daí a importância que tem a escola, de fazer cumprir o papel de uma formação capaz de entender a língua e os seus mais diversos usos nos contextos sociais. Um dos gêneros textuais mais comuns em que a presença da variação linguística está sempre presente como marca cultural, são os cordéis, um tipo de poesia popular, geralmente representante de parte da cultura nordestina e da vida do seu povo. É na poesia popular que vamos encontrar as manifestações das marcas da oralidade da língua que estão presentes nos poemas como um elemento social e cultural. Corroborando com essa percepção, Bagno (2013) lembra que não podemos ter controle sobre a língua falada, que ela não é algo estático, e a beleza está justamente em ver ou reconhecer essas formas diferentes que marcam a oralidade presente na escrita da poesia popular.

Assim, a LP que falamos é diferente daquela que aprendemos na escola, tendo em vista que a convivência em sociedade, os aspectos da cultura e da identidade de um povo são elementos que se diferem em muitos contextos da forma de falar, porque fazem parte da convivência do indivíduo em sociedade. Assim, o gênero cordel representa de maneira significativa essa relação da variação linguística com a poesia popular.

A literatura de cordel tanto pode ser lida quanto cantada e nela estão as marcas da

oralidade específicas, como elementos constitutivos da cultura do nordeste. Por isso é importante observar a presença da variação linguística na literatura de cordel, pode ser um estudo muito significativo e produtivo, no sentido de que podemos compreender melhor o desenvolvimento da linguagem e seus modos de produção.

Sendo um processo de interação, a língua permite aos seus falantes se inserirem num determinado contexto social. Não podemos esquecer que a sociedade se forma a partir das práticas sociais, que se transformam ao longo do tempo. Nesse mesmo raciocínio, a literatura de cordel expressa uma forma de reflexão acerca da linguagem de um povo, de uma região específica, pois apresenta uma formação linguística diversa e complexa e que deve ser compreendida a partir da evolução histórica. Por isso, o cordel se torna um gênero extremamente importante no ensino de variação linguística, se entendermos que:

as variantes linguísticas como variações da língua portuguesa e não como desvio da norma padrão [...] conseguimos valorar a cultura brasileira que é ricamente representada em cada pedacinho do nosso país. Atribuindo valor aos diferentes falares que são resultantes de cada região (FERNANDES, 2013, p. 29).

Dessa maneira, é preciso que a escola cumpra com o papel de fazer o aluno entender a variação linguística não apenas como mais um aspecto da língua, que se diferencia em muito, dos aspectos formais ou informais. Assim, quando se deparar com um gênero em que esteja presente a variação linguística, como o cordel, o aluno não estranhe ou discrimine, mas compreenda que se trata apenas de uma manifestação escrita das marcas de oralidade de um determinado grupo de indivíduos ou de uma região.

O cordel é um texto de linguagem simples, em que se privilegia a fala do povo, com muita expressividade proporcionada por essa literatura. Abordando um estilo linguístico específico, o cordel pode tornar-se um recurso de grande importância para os estudos da variação linguística, proporcionando ao aluno um aprendizado significativo. É preciso lembrar que a literatura é uma modalidade interessante para os estudos linguísticos, pois possibilita que o aluno olhe para o texto com prazer, absorvendo tudo o que ele pode oferecer. Por isso, Silva (2010, p. 309) lembra que a literatura de cordel compreende que:

Os temas abordados envolvem desde a ficção até temas de cunho social, discutidos pela sociedade. Entre eles, podemos destacar: histórias de amor e aventuras (heroísmo), histórias fantásticas, biografias, fome, violência, acontecimentos políticos, assassinatos de pessoas famosas (Getúlio Vargas e Tancredo Neves), problemáticas sociais, etc. [...].

Como vemos, as características que perfazem o gênero cordel possibilitam que ele seja um texto em que a variação linguística ganha uma significação especial, no sentido de que ela representa a ideia de que não existe apenas um grupo de pessoas que fala da mesma forma, mas sujeitos que falam de formas diversas, representantes de uma cultura típica de uma determinada região, em especial, do nordeste brasileiro. É preciso lembrar que toda produção textual tem influência do contexto social em que o autor do texto está inserido, pois “a linguagem não é algo isolado. Pelo contrário, ela está diretamente relacionada ao contexto sociocultural” (SILVA, 2010, p. 306).

No tópico que segue, situamos nossa discussão no gênero cordel e sua utilização na sala de aula como processo de aprendizagem do ensino de variação lexical.

3.3 O GÊNERO CORDEL: QUESTÕES DE VARIAÇÃO DA LÍNGUA NA LINGUAGEM POÉTICA

No ensino de LP, o gênero cordel ganha grande relevância não somente como texto literário, mas como um texto facilitador para o trabalho com o processo de variação linguística, especialmente lexical. Quando pensamos no uso do cordel em sala de aula, é preciso ter a consciência de que a variação linguística é uma marca constitutiva das línguas humanas, ela sempre esteve presente no uso ao longo do tempo, tendo em vista o seu caráter heterogêneo e dinâmico. Para fundamentar essa questão, os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017, p. 29), por exemplo, destacam que o cordel proporciona a compreensão de que:

A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

Com essa visão, reforçar-se que o entendimento de que a língua é um forma pronta e acabada, é equivocada, haja vista que o cordel é um texto que privilegia a linguagem popular. A sua divulgação acontece por meio de livretos, folhetos, coletâneas, por isso a literatura de cordel é considerada um patrimônio cultural do povo brasileiro, uma vez que retrata em seus poemas os costumes e os modos de vida de pessoas simples da região nordestina. Assim,

quando é inserido no ambiente escolar, o cordel ganha um sentido especial. Portanto, Alves (2016, p. 13) enfatiza que:

O cordel em sala de aula proporciona muitos diálogos essenciais para a formação dos alunos. Enquanto narrativa próxima ao popular pode-se discutir a relação entre as diferentes formas de narrar e até mesmo denunciar realidades “quase invisíveis”. Diante disso é possível dialogar com o popular, o de rua, o da praça pública, uma vez que, encontra-se aí um outro olhar sobre o outro, um olhar não estatizado.

Por isso, o cordel pode ser um gênero textual que proporciona muitos saberes para os alunos, especialmente, a respeito da variação lexical. Quando a literatura de cordel é utilizada em sala de aula como alternativa de ensino, o aluno pode entender que existem outras formas de expressões linguísticas que vão além daquelas que a norma culta, tão ensinada pela escola, define como correta. Por isso, o cordel torna-se um gênero textual que vai ao encontro da realidade dos alunos em sala de aula, no sentido de que eles podem se identificar com os modos de falar, com as marcas da oralidade, tão comuns no texto cordelista.

Assim, o cordel é um gênero textual que pode ser bem aceito em sala de aula, pois ele proporciona o encontro do aluno com uma enorme variação do discurso linguístico. Nesse viés, Silva (2010) destaca e valoriza o uso do cordel no ambiente escolar, pois na visão do autor, o cordel como recurso paradigmático, possibilita aos alunos várias abordagens no que tange a aprendizagem, abordagens estas significativas, pois já que o cordel é texto e cabe interpretação, inferências, análises de uma fala, os sentidos das palavras, o dialogismo, tornando-se assim, um instrumento significativo para compreensão da variação linguística.

Observando o cordel como um recurso metodológico em sala de aula, é preciso lembrar que ele transforma os modos como os alunos aprendem a língua portuguesa, muitas vezes, levando a uma realidade cultural diferente da que eles estão inseridos. Cabe ao professor explorar todas as possibilidades que o cordel pode oferecer, desde as questões linguísticas até àquelas relacionadas aos aspectos socioculturais em que o cordel foi produzido.

Na perspectiva do texto literário, o cordel dispõe, além das estruturas gramaticais, as estruturas da fala e da escrita dentro do contexto linguístico, que muitas vezes não corresponde a norma culta, por isso, torna-se um objeto de ensino muito relevante no trabalho com a variação linguística em sala de aula. Ao utilizar o cordel no ambiente escolar, o professor tem a oportunidade de tornar o ensino de LP, especialmente, no que corresponde à variação lexical, mais prazeroso, pois o aluno tanto se apropria dos aspectos gramaticais do texto quanto dos aspectos de sua produção textual. Para Bortoni-Ricardo (2013, p. 54):

Aprender na escola que existem modos diferentes de falar, que podemos ajustar de acordo com as circunstâncias, é um passo importante na formação de nossos jovens. Por isso entendemos que a contribuição da Sociolinguística é crucial na formação dos professores e nos currículos escolares nas escolas brasileiras.

O trabalho com o cordel em sala de aula, no sentido de abordar a variação linguística, proporciona ao aluno entender que existem diversas formas de lidar com a linguagem, e que a norma culta, ensinada na escola, tem sua importância e prestígio, e deve ser valorizada pelos falantes, pois apresenta o padrão de como devemos nos comunicar, e assim, a LP não se torna uma desordem que possa comprometer a comunicação, porém a norma culta não é a única forma de ver a língua, principalmente a língua falada que apresenta grande flexibilidade e alterações. Através dessa compreensão, o aluno entende que existem diversas manifestações da linguagem, sendo elas construções simbólicas, elaboradas dentro das diversidades históricas, culturais e sociais em que os sujeitos usuários da língua estão inseridos, mas sem desvalorizar a norma padrão da LP.

A escola se torna uma ambiente em que o aluno aprende a mudar suas atitudes, seus modos de agir de pensar, especialmente nas diversas formas de falar e escrever a LP. Assim, a BNCC (BRASIL, 2017, p. 70) orienta que é no espaço da escola que se deve “conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico”.

Com esse pensamento, o próximo tópico apresenta o poeta Patativa do Assaré e sua relevância para a literatura popular brasileira, no sentido de mostrar a importância da sua linguagem poética para a compreensão da variação lexical nas aulas de LP.

3.4 PATATIVA DO ASSARÉ: UMA LINGUAGEM PRÓPRIA DO POETA POPULAR DO SERTÃO

O poeta cearense nasceu Antônio Gonçalves da Silva, na região do Cariri em 05 de março de 1909, filho de uma casal de agricultores, Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, sendo o segundo filho do casal. O ambiente rural foi sempre seu espaço, onde sobreviveu através do trabalho na roça, naquele tempo, realizado em condições muito difíceis, devido à pobreza que sua família estava inserida. Patativa do Assaré, como ficou reconhecido, viveu sempre em condições onde os recursos eram escassos, teve pouca instrução escolar, mas

apesar disso, o poeta ganhou destaque na literatura popular brasileira, seguindo um dom próprio, tornando-se um dos maiores poetas cordelistas deste país (FEITOSA, 2013).

Quase sem escolarização, Patativa do Assaré traz em seus cordéis um estilo de linguagem extremamente popular, muito próximo de sua realidade social, mesmo tendo frequentado a escola por tão pouco tempo. Para Debs (2011, p. 15):

Escolarizado durante seis meses quando tinha 12 anos, ele reconhece que seu mestre, embora extremamente atencioso, era precariamente letrado e não sabia ensinar a pontuação. É assim que ele aprende a ler sem ponto ponto sem vírgula, como se o ritmo das palavras fosse dado unicamente pela voz.

Mesmo diante dessas condições, Patativa do Assaré torna-se um poeta de grande relevância dentro da literatura popular brasileira, destacando-se como referência nos estudos da cultura popular cearense. Dotado de uma singular beleza expressa nas linhas dos seus poemas, Patativa do Assaré manifesta seu espírito crítico em muitos dos seus cordéis, colocando de forma simples sua posição diante da sociedade da época em que viveu. Na composição dos seus cordéis está a voz do povo nordestino com seus anseios, de forma que em grande parte dos seus poemas, ele narra as histórias dos lavradores da terra, dos vaqueiros que, por sua vez, são os atores sociais do seu tempo. Para Abib (2004, p. 65)

o canto do poeta deverá rememorar o passado no presente, de modo que o grego possa decidir-se sobre sua ação futura. Memória e poesia se encontram no jogo de criação do mundo. Jogo do tempo: do que é, do que foi, do que será, que ao se mostrar no canto do poeta, instaura uma época histórica.

É perceptível que, a linguagem poética de Patativa do Assaré parece ressignificar as memórias por ele narradas, como se sua voz ganhasse uma grande importância no grito por colocar em cena os valores como temporalidade, memória, oralidade, de modo que as marcas da fala se tornam um elemento linguisticamente característico dos costumes do povo nordestino. Patativa do Assaré traz o eco de outras vozes em seus poemas, as vozes dos menos favorecidos, dos menos privilegiados, inseridos em espaços subalternos, mas que ganham notoriedade pela linguagem poética do poeta cearense.

A força da poesia de Patativa do Assaré está na sua relação que mantém com a imagem do sertão e do caboclo nordestino, ressaltando o cotidiano de pessoas simples, batalhadoras, sobreviventes pelo labor e pela fé. Conhecedor autêntico do sertão, Patativa do Assaré coloca sua poesia como intérprete da beleza, paradoxalmente, do sofrimento do homem rural, dos sonhos de um povo sofrido, como alguém que sabe de perto, porque é filho do sertão e da

cultura nordestina. Como forma de expressão dessa cultura popular, a linguagem poética de Patativa do Assaré, diferentemente da língua culta, revela termos e locuções populares, típicas da região nordestina, próprios do povo do sertão, tornando-se um elemento de grande importância para os estudos linguísticos nas aulas de LP. Em seus poemas, o poeta cearense traz com grande frequência a variante popular para dar voz a gente simples, com uma linguagem própria, aproximando o leitor no processo de identificação com seus poemas. Nessa linha de raciocínio, Andrade (2004, p. 148) coloca que: “[...] o emprego da linguagem matuta como meio de expressão para dar voz à palavra dos oprimidos em sua luta contra a dominação dos doutores sabichões se constitui numa atitude de contestação fecunda em suas implicações”. Com sua linguagem simples e própria, Patativa do Assaré contribui para a valorização da cultura popular, dando voz aos oprimidos, àqueles que são considerados inferiores, num cenário em que as lutas pela sobrevivência são reais e cotidianas.

Patativa do Assaré deixa fluir em seus poemas o ambiente natural do sertão nordestino nas vozes dos menos favorecidos, porque ele é também sujeito desse cenário, mostrando ao leitor a tradição sertaneja em sua estrutura rítmica e temática. Para Debs (2009, p. 02), a poesia de Patativa é aquela “colhida da terra, dos roçados, como se estivesse, apanhando feijão, arroz, algodão, ou quebrando milho e arrancando batata e mandioca [...] ela germina dentro de si como semente nas entranha da terra”.

É com esse espírito de consciência da poética de Patativa do Assaré que no próximo capítulo fazemos uma análise da variação linguística dos cordéis do autor, no sentido de que, é por meio da linguagem tipicamente popular e nordestina, que o poeta cearense expressa sua força e magnitude da literatura popular brasileira.

4 A VARIAÇÃO LEXICAL EM DOIS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ

A obra do poeta nordestino Patativa do Assaré tem uma marca essencialmente oral e representa os modos de vida e a cultura da região nordeste do Brasil, a partir do modo particular de falar do povo desta região. Neste capítulo, analisamos os cordéis “A vida aqui é assim” e “Vingança de matuto”, incluídos na obra *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, do poeta popular elaborado por Andrade (2004). Em seguida, apresentamos uma proposta didática de trabalho com os referidos poemas no ensino fundamental.

4.1 VIDA E HISTÓRIAS SERTANEJAS: AS VARIAÇÕES DA LÍNGUA EM DOIS POEMAS DE PATATIVA

As variações linguísticas são uma marca muito presente na poesia popular de Patativa do Assaré, principalmente como marca de registro da fala, muito típico da região nordeste do país, em especial, a região do Estado do Ceará, terra natal do poeta popular. Pertencente ao ambiente rural, patativa do Assaré traz muito desse elemento nas suas poesias, além dos cordéis, ele produziu trovas, poema matuto, dos vários gêneros de poesia popular que se destinou a produzir.

Figura 05 - O poeta Patativa do Assaré



Fonte: Diário do Nordeste (2023).⁵

⁵ Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/patativa-do-assare-recebe-homenagem-pelo-dia-do-escritor-em-evento-virtual-confira-programacao-1.2971108>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Amparados na teoria da variação lexical linguística e na liberdade poética encontrada na poesia popular, fazemos agora uma leitura analítico-linguística dos poemas “A vida aqui é assim” e “Vingança de matuto”, observando neles, as variações lexicais que se destacam pela aproximação da fala, como marca de variação linguística regional, muito presente em seus poemas, serão analisados de duas em duas estrofes, como forma didática de análise nesse texto, destacando especialmente os metaplasmos.

Em “A vida aqui é assim”, encontramos um eu-lírico que faz uma espécie de lamento, destacando alguns aspectos da vida no sertão, em contraste com quem vive na cidade grande. Essa comparação pode ser vista logo na primeira estrofe do poema:

Aquele povo que veve
 Nas ruas da capitá,
 Não sabe o quanto padece
 Os trabaiadô de cá.
 Esse povo da cidade,
 Que só veve de vaidade,
 Nunca foi agricultô,
 Uma roça não conhece,
 Não sabe o quanto padece,
 O povo do interiô. (ASSARÉ, 2004, p. 81)

É possível perceber que existe um eu-lírico que utiliza uma variação lexical típica de um povo de pouca escolarização, que demonstra uma diferença de uso da língua entre um povo da zona rural e urbana. Como marca de representação desse lugar rural, vemos os usos da fala diferenciados, como em “veve” (primeiro verso), que é um processo de metafonia, isto é, a influência da vogal /e/ que influencia a vogal /I/, visto que o verbo é “vive”; “capitá” (segundo verso), temos um metaplamo por redução denominado de apócope, que é a queda de um fonema no final da palavra; “trabaiadô” (quarto verso), temos o processo de iode, que é a substituição do /lh/ pela vogal /i/; Nos quatro primeiros versos vemos essa variação ora trocando o “i” em “veve” ou suprimindo o /l/ (capitá) e o /r/ (agricurtô), temos o metaplasmo denominado de rotacismo, isto é, a troca de um /l/ por /r/ no meio e no final do vocábulo. Essas marca deixa evidenciado através da fala o ambiente no qual as experiências de vida se revela pelas marcas da oralidade, como é reforçado nos quatro últimos versos, em que se repete a supressão do /r/ em “agricurtô” e “interiô”, no sétimo e décimo versos, respectivamente.

Com o olhar direcionado para mostrar a divisão entre o povo da cidade e o povo do sertão e da roça, o poeta parece tecer uma crítica ao tratamento dado ao povo daquela região, por algumas autoridades, como podemos ver nas duas estrofes que seguem:

Aqui prra nós sempre tá
 Chegando de quando em vez
 Gente com cara de saibo,
 Embruiando os camponês,
 Causa raiva e dá desgosto
 A gente pagá imposto
 Cobrado cronta a razão,
 E além de certos direito,
 Ainda vivê sujeito
 Ao tal fiscá de argodão.

Esse espertaião sem arma
 Sabe fazer trapaçada!
 Com o dono do armazém
 Veve de língua passada;
 E se o dono do armazém
 É um esperto também,
 Lhe dá logo uma gorgeta,
 E na crassificação
 É o dono do argodão
 Quem aguenta a buzuleta. (ASSARÉ, 2004, p.81)

Como vemos, as duas estrofes trazem outras marcas de variação lexical, no que concerne às marcas de oralidade, enfatizadas pelo poeta como uma forma de mostrar que o eu-lírico parece não ter certa escolaridade, mas é muito consciente de que o Estado age de forma diferente com o povo da roça, principalmente na cobrança de impostos. Essas marcas de variação lexical como marca da fala nos faz perceber que a voz ocupa um papel importante na produção poética de Patativa do Assaré.

Criado dentro de um universo oral, o poeta traz nessas duas estrofes de “A vida aqui é assim”, sua consciência crítica acerca da cobrança de impostos, muitas vezes, indevidos, como nos dois versos: “Gente com cara de saibo” e “Embruiando os camponês”. O deslocamento do “i” em “saibo”, ao invés de “sábio”, é um metaplamo por transposição, chamado de hipértese que é o deslocamento de um fonema de uma sílaba para outra. Já a supressão do “lh” (iodização) em “embruiando”, em vez de “embrulhando” são marcas da fala de um homem simples da roça, mas capaz de reconhecer as injusticas cometidas pelo Estado. Zumthor (1997, p. 148), coloca que as marcas da oralidade na poesia popular é sempre marcada pela “recorrência de diversos elementos textuais”. No entanto, é bom lembrar que a oralidade convive sempre com a escrita, o que não quer dizer que a simples supressão ou substituição de fonemas e letras são marcas de diferença entre uma e outra, mas que esses elementos também são representativos de traços e valores peculiares da linguagem oral, pois “a oralidade não se define por subtração de certos

caracteres da escrita, da mesma forma que esta não se reduz a uma transposição daquela” (ZUMTHOR, 1997, p. 36).

Essa desvalorização do agricultor se dá ainda nas três últimas estrofes, em que o eu-lírico critica o valor do algodão no processo de negociação, ainda que o algodão fosse de boa qualidade. Assim, as marcas de variedade lexical continuam como representação da fala do eu-lírico:

Ande o pau por onde andá,
Vem quebrá no camponês,
O seu algodão só dá,
Tipo cinco, quatro e três,
Proquê o fiscá, esse home
Toma café, veste e come,
É a custa do matuto;
Entra no pé de apragata,
E, sai bancando gravata,
Cigarro manso e charuto.

Inda que algodão seja
De lá bem desembraçada,
Capucho grande e sadio,
Branco da cô de coaiada,
Com seu óclo no nariz,
O fiscá repara e diz:
_Esta premêra não dá,
Ali mermo crassifica,
E crassificado fica,
O dono tem que aguentá!

Por isso é que eu digo assim:
_ Eu tenho quatro menino,
Um pode ser Lampião,
E ôto, Antonio Silvino,
Pode ôto ser jogadô,
Mas pesso a Nosso senhô,
A virge da Conceição,
E a São Bartolomeu,
Pra não vê um fio meu
Sendo fiscá de algodão...
(ASSARÉ, 2004, p. 81-82).

Notamos nas primeiras estrofes, temos o eu-lírico que reforça a ideia de crítica que faz a situação do agricultor plantador de algodão, sentir-se desvalorizado. Apresenta ainda, a marca de um metaplama por transposição, chamado de metátese, em “proquê” que é a troca de fonema na mesma sílaba. Na mesma estrofe, apresenta o processo desnasalização por meio da palavra

“home”, que é a queda do som nasal final; Além disso, temos a palavras “apragata” que apresenta dois metaplasmos, o primeiro, a queda do /L/ que é chamada de síncope e depois o deslocamento do fonema /r/, que é chamado de hipértese, visto que, a palavra correta é “alpargatas”. Na segunda estrofe, temos “inda” que é um metaplasmo por supressão, chamado e aférese que é a queda de um fonema no início da palavra; Ademais, temos “mermo”, que é o processo de rotacismo como foi explicado anteriormente. Nessa terceira estrofe, o processo de variação lexical acontece, quase sempre, pela supressão de uma letra, substituída pelo acento, como em “andá” (primeiro verso), “quebrá” (segundo verso), “dá” (terceiro verso), “fiscá” (quinto verso), todos pela supressão da letra “r” que são metaplasmos por supressão, denominados, apócope. Existe um esforço do eu-lírico em reforçar que o agricultor, matuto, plantador de algodão, tem sua importância para aqueles que representam o Estado, o homem de posses.

Essas marcas da fala do homem matuto do sertão nordestino, representada no poema de Patativa do Assaré, só revela a proximidade que a oralidade mantém com a escrita, no sentido de que essa relação precisa ser compreendida no processo de ensino e aprendizagem da LP. As variedades linguísticas presentes no poema, que destoam da norma padrão da LP, representam, pela fala do homem matuto, o espaço ocupado pelo plantador de algodão, do homem simples, que enfrenta um trabalho duro e pouco valorizado: “Inda que argodão seja”/”Capucho grande e sadio”/” Branco da cô de coaiada”, são versos que expressam a indignação desse trabalhador rural, que se utiliza de um produto sem valor para a sua sobrevivência. Os termos “inda”, “argodão”, “cô”, “coiada” são termos que destoam da língua padrão, marcados pela supressão da letra “a” (inda), substituição do “r” pelo “l” (argodão), supressão do “r”, ao final da palavra (cô), simbolizado pelo acento circunflexo. Essas marcas da oralidade são típicas do gênero cordel e da poesia popular como um todo. Para Tavares (2009, p. 57), “onde quer que existam populações que não sabem ler nem escrever, existirá poesia oral, conto oral, narrativa oral, porque as pessoas não acham que o analfabetismo pode impedi-las de praticar a poesia e a narrativa”. Concordando com o autor, percebemos que Patativa do Assaré era um poeta intelecto, mesmo sem ter o domínio da escrita, demonstra que a poesia popular é capaz de revelar a expressividade da fala, através da linguagem não só do cordel, mas também, de outras manifestações populares do povo nordestino, nas sua mais variadas expressões.

Dessa forma, no poema “Vingança de matuto”, o eu-lírico expressa toda a sua revolta por uma situação vivida por seu pai, que perdera uma terra para um vizinho, por intermédio de uma advogado. Como muitas outras histórias comuns dessa natureza, na região nordeste, o poeta traz em “Vingança de matuto” mais uma forma da expressão popular pelas marcas da fala

do homem simples, sertanejo e sem escolarização. Analisaremos as variedades lexicais presentes no poema de duas em duas estrofes:

Tu sabe, Chico, que é crué e marvado
É o adevogado quando qué robá?
E que a justiça nas mão dele rola
Como essa bola de jogá biá?

Se tu não sabe vai uvi agora
A minha histora de arribá chapeu;
É uma histora do maió canudo,
Que crama tudo, a terra, o mar e o céu.
(ASSARÉ, 2004, p. 285).

As expressões de ordem oral nos versos do poema de Patativa, deixam claro que se trata de um homem simples, possivelmente, sem escolarização, que conta ao amigo, um caso da sua vida. Expressões como “crué” e “marvado” (primeiro verso da primeira estrofe), “adevogado” e “robá” (segundo verso/primeira estrofe) são a clara representação da fala do homem matuto do sertão, revoltado pelo pai, que perdera a sua amada terra e depois de morto não deixou nada pra ele. A substituição do “l” (crué) pelo acento, indica a supressão do fonema, que soa perfeitamente pelo uso do acento circunflexo na fala; o acréscimo do “e” (adevogado), é um metaplasmo por acréscimo, chamado de epéntese que é um acréscimo de um seguimento sonoro para desfazer o encontro consonantal incomum “DV”. Assim como a supressão da letra “r” (robá), há também a monotogação, que é a redução do ditongo /ou/ pela vogal /o/, em que o fonema soa apenas como /o/.

O eu-lírico ressalta ainda sua indignação em ver seu pai perder o sítio, por simples inveja do vizinho, um homem orgulhoso e cheio de ambição. A forma como o poeta fala da inveja e da maldade do vizinho, fica expressada no modo de falar do homem simples e sem proteção. Ao mesmo tempo em que narra a vida simples da sua família, sendo os únicos bens que tinha, uma vaquinha de leite e um sítio, como vemos nas estrofes abaixo:

Repare, Chico, aquele sito
Muito bonito que nós tamo vendo,
Do meu pai era aquele belo sito
E o Binidito, um orguioso horrendo,

Criou inveja e começou questão,
Com imbição, cronta meu pai fez guerra
Gastou dinheiro com feroz malícia,
E a injustiça lhe intregou a terra.

Duas vaquinha de nós comê leite
 E o burro Azeite, corredor e bonito
 Meu pai gastou, pra defendê seu lado
 E o resurtado foi perdê o sito. (ASSARÉ, 2004, p. 286)

Como notamos, são vários os exemplos em que a variedade linguística como marca da oralidade se faz presente nas estrofes. Expressões como “tamo” (segundo verso/primeira estrofe), “orguioso” (quarto verso/primeira estrofes), “imbição” (segundo verso/segunda estrofe), “maliça” (terceiro verso/segunda estrofe), “comê” (primeiro verso/terceira estrofe), “defendê” e “perdê” (terceiro e quarto verso/terceira estrofe), são a clara representação dos “[...] muitos modos de falar uma língua” (BAGNO, 2007, p. 47). Na palavra “tamo”, há uma aférese, aqueda de um seguimento sonoro no início da palavra e uma apócope, que é a queda do fonema no final da palavra; temos ainda a troca da letra “a” pelo “i” em “imbição”, que é um metaplasmo por assimilação. além da supressão do “i” em “maliça”, que é uma monotogação. Além desses aspectos linguísticos, Faraco (2003, p. 60) lembra que “a variação mais óbvia para todos nós parece ser aquela que está ligada a cada região em que a língua é falada [...]”.

Na continuação de sua narrativa poética, o eu lírico expressa ainda mais o sentimento de revolta pela morte do pai que, ao morrer, o deixou sem nada:

Nossa escritura era um papé bem feito,
 Dava o dereito com largura e fundo,
 Mas, o dotô, que escurecia tudo,
 Passou o canudo mais pió do mundo.

Meu pai saiu de onde viveu morando
 Ficou vagando sem achar incosto
 E de pensá no seu penoso estado
 Morreu, coitado! De crué desgosto.

Meu pai morreu e me deixô sem nada,
 Triando a estrada de um sofrê sem fim,
 Tá vendo, Chico, como eu fui robado
 E o adevogado foi safado e ruim?
 (ASSARÉ, 2004, p. 286).

Nessas três estrofes, observamos a repetição de alguns exemplos de variedade linguística já presentes nas estrofes anteriores. A supressão do “l” em “papé”(primeiro verso/primeira estrofe), a troca do “i” pelo “e” em “dereito” (segundo verso/primeira estrofe), que é um metaplasmo por metafonia, visto anteriormente. É importante lembrar que, mesmo

falando fora da norma padrão da língua, o matuto não deixa de ser conhecedor da injustiça sofrida pelo pai, como um simples representante da variedade popular da língua. Patativa do Assaré não elaborava sua poesia popular apenas para o povo que falava essa variedade, haja vista que o poeta produz uma poesia representante da variedade rural ou popular, sendo uma escolha lexical diferente daquela que se usa na norma padrão da língua (BORTONI-RICARDO, 2004).

Nas duas últimas estrofes, o eu lírico, além de expressar sua tristeza pela morte do pai, mostra também sua revolta na vingança que deseja ao homem que tinha tirado tudo da sua família:

Não sei dizê, meu camarada Chico,
Como eu fico de paxão de horrô!
Quando eu reparo e vejo aquele sito,
Que o Binidito de meu pai tomou.

Minha vingança é que depois da morte,
Tem ele a sorte de vivê afrito,
Lá nas caldêrão purão do inferno,
Tem fogo eterno para o Binidito.
(ASSARÉ, 2004, p. 286).

Nessas duas últimas estrofes, de lamento e de revolta, o eu lírico expressa seu sentimento com desejo de vingança, não uma vingança física, praticada por ele, mas a vingança que a própria vida daria ao homem que tirara tudo do seu pai. Expresões como “dizê” (primeiro verso/primeira estrofe), “horrô” (segundo verso/primeira estrofe), “vivê” (segundo verso/segunda estrofe), “purão” (terceiro verso/segunda estrofe) são exemplos de mais uma variedade popular da língua, representada por substituição de fonemas, supressão de letras, substituídas por acento tônico, são marcas que se repetem neste poema de Patativa do Assaré, como já analisado anteriormente.

A poesia popular do poeta Patativa do Assaré é mais uma representação da modalidade oral da língua falada, expressa na escrita de uma poesia que representa muito bem o povo simples e nordestino, o povo do sertão rural, sem instrução escolar, mas com muita sabedoria. Os modos de falar e de escrever não podem ser vistos como dualidade dentro do uso da língua, mas como formas específicas e diferentes de uma língua maior (MARCUSHI, 2010).

Estabelecer essa relação dos modos de falar e de escrever na poesia popular pode ser uma alternativa de estudo da língua na escola, seja no ensino fundamental ou ensino médio. Assim, “a fala não pode ser mais importante que a escrita [...] a fala é a derivação dessa outra

[...]” (MARCUSHI, 2010, p. 17). Ancorados no pensamento do autor, no próximo tópico, apresentamos uma proposta de como trabalhar a temática a partir de uma sequência didática.

4.2 PROPOSTA DE TRABALHO COM OS POEMAS “A VIDA AQUI É ASSIM” E “VINÇANÇA DE MATUTO”, DE PATATIVA DO ASSARÉ

4.2.1 A sequência didática

As variedades da LP não podem ser vistas pela escola como formas divergentes de falar ou de escrever. Levar o ensino da língua pelo viés da literatura é, antes de tudo, reconhecer que a língua é um fenômeno social e portanto, dinâmico.

A partir desse pensamento, nos colocamos aqui em elaborar uma proposta de trabalho acerca da variedade da língua nos dois poemas estudados, “A vida aqui é assim” e “Vingança de matuto”, do poeta cearense Patativa do Assaré, através do uso da sequência didática, como forma metodológica, direcionada a turmas do 9º ano do ensino fundamental ou pode ser adaptadas a outro anos. Para isso, nos baseamos no modelo de sequência didática proposto por Shnewly e Dolz (2010).

Nesse sentido, a sequência didática pode ser entendida como uma sequência de atividades pensadas e planejadas, de acordo com a realidade de cada turma, envolvendo motivação, introdução, leitura, interpretação e produção escrita, desde que essas atividades sejam sucessivas e articuladas entre si. A sequência didática permite um trabalho global e coletivo, com objetivos específicos e uma variedade de atividades. O modelo de sequência didática fundamentada pelos autores nos mostra como se estrutura a sequência didática, defendida por Shnewly e Dolz (2010): Como primeiro passo, temos a apresentação da situação; Em seguida, a produção inicial que pode ser dividida em módulos, e por último, a produção final.

A partir dessa proposta, estabelecemos nossa sequência didática acerca do estudo desses dois poemas analisados nesta pesquisa. Lembramos que não é nossa intenção levar aqui um modelo pronto e acabado, mas apenas uma das várias formas de trabalho com o texto literário em sala de aula, aqui no caso, da poesia popular nordestina.

4.2.2 A proposta didática

Como forma de ampliar o nosso trabalho de estudo acerca das variedades da língua nos cordeis de Patativa do Assaré, apresentamos uma proposta de trabalho acerca desses poemas, enfatizando o estudo da variedade da língua. Destacamos que essa proposta se direciona a turmas de 9º ano do ensino fundamental, embora com suas devidas apresentações, possa também ser adaptadas para outros níveis de ensino:

Quadro 01 - Sequência didática com poemas de Patativa do Assaré

ESTUDO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS
PÚBLICO: turmas do 9º ano do Ensino Fundamental
TEMPO ESTIMADO: 16 h/aulas
INTRODUÇÃO
<p>É cada vez mais evidente a necessidade de se trabalhar com a literatura em sala de aula, especialmente nas primeiras fases do ensino. Se utilizando de forma inovadoras, o professor pode chamar a atenção dos alunos e ultrapassar as barreiras do livro didático, muitas vezes, a única ferramenta didática em sala de aula.</p> <p>Nesse sentido, essa proposta de trabalho com a poesia popular pretende levar para a sala de aula do 9º ano do ensino fundamental, a valorização da linguagem popular que, em tese, se difere da linguagem padrão que a escola ensina. A poesia pode chamar a atenção dos alunos de forma especial, de forma que podem expressar os mais puros sentimentos.</p> <p>Reconhecendo que o universo da poesia é rico e encantador, acreditamos que a poesia popular, através da sua linguagem muito próxima do cotidiano dos seus leitores, pode incentivar a leitura em sala de aula e, conseqüentemente, a produção escrita, além de levar o aluno pelos caminhos poéticos, como forma de expressar seus sentimentos em relação ao espaço que ocupam na sociedade.</p> <p>Dessa forma, o autor é um poeta da roça, com uma produção rica de imagens voltadas para a natureza e para o homem, para a vida rural e para os modos de falar do povo nordestino. Essas poesias despertam o interesse do leitor pela cultura popular, por meio de uma linguagem simples e poética.</p> <p>Esta proposta de trabalhar baseia-se na leitura e interpretação de dois poemas de Patativa do Assaré, “A vida aqui é assim” e Vingança de matuto”, inseridos na obra <i>Cante lá</i></p>

que eu canto cá, do renomado poeta popular cearense. Direcionamos esta atividade á turmas do 9º ano do ensino fundamental, o que não impede que possa também ser trabalhada em outros anos dessa esfera do ensino ou outra modalidade, como o ensino médio, fazendo as suas devidas adaptações.

OBJETIVO GERAL

- Estudar a poesia popular como manifestação da linguagem e da cultura do povo nordestino, levando em conta a formação leitora e crítica do aluno.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propiciar a formação leitora, a partir da poesia popular de Patativa do Assaré;
- Refletir sobre as temáticas presentes nos seus poemas;
- Promover rodas de leitura e recitação dos poemas do poeta;
- Relacionar a linguagem popular, presentes nos poemas, com a linguagem padrão, ensinada pela escola;
- Promover momentos de produção escrita, destacando a oralidade como uma forma de manifestação da língua e do cotidiano do povo nordestino.

METODOLOGIA

As poesias de Patativa do Assaré, em sua grande maioria, tratam da vida dura do sertão nordestino, das lutas travadas na terra árida e seca, dos sofrimentos enfrentados pelos camponeses. Pensando na relevância da poesia popular e no estudo da linguagem poética, propomos um trabalho com estes dois poemas de Patativa do Assaré: “A vida aqui é assim” e “Vingança de matuto”, de forma que nos baseamos na sequência didática abaixo.

PRODUÇÃO INICIAL

- Neste momento, o professor deve se reunir com a turma para apresentar sua proposta de trabalho, enfatizando a necessidade e a importância do estudo da poesia popular como manifestação da linguagem e da cultura nordestina.

Módulo 01: Leitura (02 h/aulas)

- Primeiramente, o professor disponibilizará modelos de cordéis para que os alunos se

apropriem do gênero em questão e trabalhe a estrutura do gênero cordel, a sua representatividade dentro da literatura popular, bem como a linguagem que o representa;

- Esse é o momento da leitura dos poemas “A vida aqui é assim” e “Vingança de matuto”. O professor pode sugerir que a turma seja dividida em dois grupões, de forma que cada grupo faça a leitura em sala de um dos poemas;

Módulo 02: Discussão/interpretação (02 h/aulas)

- Neste momento, o professor pode fazer um grande círculo para a discussão dos poemas lidos, fazendo com que os grupos se posicionem sobre a leitura que fizeram;

- Após a discussão, o professor deve sugerir aos grupos que façam uma pesquisa acerca da poesia popular, especialmente, o gênero cordel, de forma que possam trazer para a sala de aula, o maior número possível de informações acerca do gênero em estudo. Os grupos podem trazer também outros cordeis para a sala de aula;

- O professor deve orientar que os alunos observem a linguagem dos cordeis, procurando destacar o uso de variedades linguísticas que diferem da linguagem estudada na escola.

Módulo 03: Discussão (II parte) (02 h/aulas)

- O professor deve fazer uma roda de leitura dos cordeis pesquisados pelos alunos, de modo que, divididos em grupos, os alunos devem eleger um cordel para declamar e interpretar. Além disso, devem destacar o uso das variedades linguísticas no cordel declamado;

- Neste momento, o professor deve fazer uma explanação acerca das variedades da língua e do estudo da linguagem, enfatizando a diferença entre a variedade da linguagem popular e a variedade da língua padrão, ensinada na escola.

Módulo 04 (04 h/aulas)

- O professor deve organizar juntos com os alunos um ambiente para as declamações dos cordeis pesquisados (Esse é um momento de planejamento entre os grupos e o professor);

- Só depois desse planejamento e num ambiente organizado, é que o professor deve propor um momento de declamação dos cordeis, e logo depois uma discussão acerca da atividade oral realizada, enfatizando a linguagem utilizada no cordel;

- Neste momento, o professor pode sugerir que os alunos, de forma individual, produzam um texto, expressando a sua opinião acerca do cordel declamado, e do uso de uma linguagem que se difere daquela estudada na escola.

Módulo 05 (02 h/aulas)
- Esse é o momento em que o professor deve, junto aos alunos, fazer uma avaliação dos textos escritos, que devem ser selecionando e sem identificação, para que sejam identificados problemas que pode ser de ordem ortográfica ou lexical.
Produção final (04 aulas)
- De posse da avaliação feita junto com os alunos, o professor agora, deve sugerir a refacção dos textos, de acordo com as necessidades individuais de cada um; - Realizada as possíveis correções ou adaptações, o professor deve sugerir as apresentações dos textos produzidos, desse modo, o ensino da língua torna-se significativo e inclusivo.

Dada a proposta de trabalho aqui apresentada, esperamos que ela possa proporcionar uma visão mais profunda acerca do estudo da linguagem e das variedades da língua, assim como levar o aluno ao gosto pela leitura, através de textos que se aproximam muito do cotidiano da grande maioria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda variedade da língua não acontece por acaso, ela sempre está marcada por elementos sociais e culturais em que o falante está inserido. Quando pensamos no processo de variação lexical, é preciso pensar também na formação da língua ao longo da sua história, pois essa variação acontece tanto na língua escrita quando na língua falada.

De modo específico, este trabalho se propôs estudar os aspectos de variação linguística, a partir da origem da LP que vem do latim, em cordéis de Patativa do Assaré, no sentido de reconhecer sua linguagem como representante da cultura do seu povo. Para tanto, apresentamos os objetivos específicos, que fororam descrever brevemente a história da LL e a formação da LP, principalmente voltada para os aspectos lexicais do português brasileiro, através de um percurso histórico no qual destacamos os aspectos externos e internos a respeito da formação da LP. Nessa visão, buscamos identificar na linguagem poética dos cordéis do autor, aspectos que comprovaram aspectos da variação lexical. Elaboramos uma sequência didática, a partir do estudo da variação lexical em dois cordéis, nos propomos ainda a discutir acerca do processo de variação linguística, bem como identificar como esses processos acontecem na linguagem poética do autor.

Considerando a análise dos poemas “A vida aqui é assim” e “Vingança de Matuto”, do poeta cearense Patativa do Assaré, ressaltamos neste trabalho alguns pontos mais relevantes e específicos que identificamos com este estudo, tais como:

Enfatizamos que os poemas “A vida aqui é assim” e “Vingança de matuto” apresentam variações lexicais que representam as marcas da oralidade do eu-lírico. Em sua grande maioria, os poemas apresentam variações que foram analisadas a partir do estudo dos metaplasmos. Esse tipo de variação representa, acima de tudo, o modo típico de falar do homem simples do sertão, agricultor, que lida com a terra e a plantação de algodão, mas também podemos perceber esses usos em outros ambientes, como por exemplo, em áreas urbanas. Além disso, temos também de considerar o nível de escolarização dos falantes.

Compreendemos ainda que as variações lexicais presentes nos poemas analisados, são a clara representação da proximidade que a língua oral e a língua escrita mantêm pela linguagem, especialmente, quando falamos da linguagem poética. Por isso, o estudo dos poemas permitiu-os ainda compreender que o estudo da língua oral e da língua escrita não pode ser visto de forma separada, uma vez que são consideradas formas diferentes de uso de uma mesma língua. Ademais, a proposta de trabalho apresentada nesta pesquisa, em forma de sequência didática, não deve ser vista como um modelo padrão ou concluído de estudo da

língua, mas apenas como uma alternativa de estudo didático que, embora direcionado ao ensino fundamental, pode muito bem, dentro de suas condições, ser trabalhada também na realidade do ensino médio.

Nesse sentido, acreditamos que este trabalho se faz de grande relevância, no sentido de repensarmos nossas práticas em sala de aula, especialmente, quando pensamos na relação língua falada e língua escrita.

Por fim, acreditamos que o texto literário, como os poemas de Patativa do Assaré, são um importante material para os estudos das variações da língua. Lembramos que não se trata de um trabalho conclusivo, mas sim está aberto a outros olhares, o que permitirá uma ampliação e aprofundamento de pesquisas nessa área.

REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 14. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- ASSIS, Maria. Cristina. de. **História da Língua Portuguesa**. s.l.: s/d. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/8847/PAULA%20RAQUEL%20TAVARES%20DE%20ALBUQUERQUE.%20TCC.%20LICENCIATURA%20EM%20LETRAS%20>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- ABIB, Pedro Rodolfo. Junjers. Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda. **Revista Resgate**, v. 13, 2004, p. 171-176. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645622/12922>, acesso em 17-abril-2023.
- ALVES, Renata. Cristina. **Uma experiência com a produção do texto literário**: o cordel no processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa. 2016. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos- SP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8029/DissRCA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, Acesso em: 05 abr. 2023.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Patativa do Assaré**: as razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja). Fortaleza: Editora UFC / São Paulo: Nankin Editorial, 2004.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, Irandé. *et al.* A linguagem, método e senso comum em sala de aula: o ensino de língua portuguesa. In.: PAIVA, L. L. G.; FREITAS, D. L. R. de; FENANDES, C. R. de. **Amplamente [livro eletrônico]**: educação na era digital. Natal, RN: Amplamente Cursos e Formação Continuada, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345682672_E-book_Amplamente_Educacao_na_era_digital_-_voll. Acesso em: 22 mar. 2022.
- AREÃN-GARCIA, Nilza. A divisão do galego-português em português e galego. **Revista Philologus**, ano 17, n. 49, p. 7-15, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/publ/AreA7.pdf>. Acesso em: 14 maio 2023.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO; GAGNÉ, M.; STUBBS, G. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. O português não procede do latim – uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego. **À busca do tesouro**. Espanha, 2010, p. 34-39. Disponível em: https://issuu.com/castroforte/docs/marcos_bagno_classifica_o_variantes_pt. Acesso em: 19 mar. 2023.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BANZA, Ana Paula; GONÇALVES, Maria Filomena. **Roteiro de história da língua portuguesa**. Universidade de Évora. Largo dos Colegiais 2, 7000 Évora. 2013. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/22196/1/Roteiro_de_Histo%cc%81ria_da_Li%cc%81ngua_Portuguesa.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, religião e história cultural. **Revista de Estudos da Religião**, v. 10, n. 4, 2004. p. 96-115

BORTONI-RICARDO, Stella. Maria. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTELHO, José Mario. Um pouco da história externa da Língua Portuguesa. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 9, 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/09/12.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023, p. 144-155

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ensino Fundamental**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 6 mar. 2023.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CONDÉ, Valéria. Gil Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego-modernos. In: **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, 3 (2) jul. / dez. 2017. Disponível em <file:///C:/Users/edica/Downloads/17142-37993-2-PB.pdf> Acesso em: 10 mar. 2023, p. 97-107

CARVALHO, Dolores Garcia. **Gramática Histórica: para o 2º grau e vestibulares**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Pato aqui, pato acolá. **Português: linguagens, 6º ano do ensino fundamental**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 40-47.

COSERIU, Eugênio. **O homem e a sua linguagem**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Coleção Linguagem. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

DEBS, Sílvia. Patativa do Assaré visto por Rosemberg Cariry ou a construção de um mito. In: CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. (org.) **Patativa em sol maior**: treze ensaios sobre o poeta pássaro. Fortaleza: UFC, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49998/1/2009_liv_fgccarvalho.pdf. Acesso em: 09 mar. 2023.

DOLZ, Joaquim; Noverraz, Michelle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. 2 ed. Campinas, Mercado de Letras, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5794503/mod_resource/content/1/DOLZ%3B%20NOVERRAZ%3B%20SCHNEUWLY.%20Seq%3%A%20Ancias%20Did%3%A%20ticas%20para%20o%20oral%20e%20para%20a%20escrita%20apresenta%3%A%20de%20um%20procedimento.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **Português**: língua e cultura, ensino médio. Curitiba: Base Editora, 2003.

FERNANDES, Bruna de Oliveira. **Cordel**: Linguagem, educação e identidade. Trabalho de Conclusão de Curso. 2013. 31 f. (Curso de xxxxxxx). Escola de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. 2013. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/poetas-populares/bibliografia/monografias/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

LOPES, I. de A. Variação linguística e ensino de língua portuguesa: alguns pressupostos básicos. In: COSTA, C. de S. S. M. (org.). **Linguística e ensino de Língua Portuguesa**: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica. Teresina: EDUFPI, 2000.

LÓPEZ, Maurício Castro. Manual de iniciação à [língua galega: sociolinguística, morfossintaxe, ortografia e léxico. **Travessa de batalhons**, n. 7, rés-do-chão, Esteiro – 1543, Galiza, 2006. Disponível em: <https://a.gal/wp-content/uploads/2018/10/manual-iniciacom-lingua.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MORAES, Ângela. **Contribuições da linguística para uma didática do texto escrito**. São Paulo: ECA, 2005. Disponível em <file:///C:/Users/edica/Downloads/64723-Texto%20do%20artigo-85687-1-10-20131118.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2023.

NEURSCHRANK, Aline. **Fonologização na diacronia**: do Latim ao Português moderno. Tese de doutorado. 2015. 181 f. (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas – RS, 2015. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Fonologiza%C3%A7%C3%A3o-na-Diacronia-Do-Latim-ao-Portugu%C3%AAs-Moderno-Aline-Neuschrank.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2023.

NUNES, Josias de Oliveira. **Galego-português**: para uma intervenção em sala de aula. Dissertação. 136 f. (Mestrado em Letras/PROFLETRAS). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Assis, SP: 2018. 136 páginas. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153742/nunes_jo_me_assis_int.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 09 mar. 2023.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. **História da literatura portuguesa**. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2010

SILVA, Silvio Profirio da; *et al.* Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras UFGD, RAIDO**, v. 4, n. 7, p. 303-322, Dourados: MS, jan./jun. 2010.

SOUZA, Elisa Maria Pinheiro; PENA, Waldinett Nascimento Torres (org.) **Língua latina: estudos teóricos para a prática**. Belém: EDUEPA, 2020. Disponível em: https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2020/11/lingua_latina.pdf. Acesso em: 09 mar. 2023.

SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.